



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor-Mor (pág. 1)
OLHEMOS PARA O FUTURO COM O OTIMISMO DE
DOM BOSCO

1. Crise e otimismo na Igreja — 2. Otimismo e crise na Congregação — 3. Os motivos da nossa esperança — 4. A alegria, sinal visível do otimismo.

II. Disposições e normas (pág. 35)

1. Abertura do Centenário das Missões Salesianas — 2. Os interstícios para as Sagradas Ordenações.

III. Comunicações (pág. 37)

1. Jubileu de Ouro Sacerdotal do Reitor-Mor — 2. Notas sobre a aplicação da reforma litúrgica — 3. Solidariedade fraterna.

IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral (pág. 46)

V. Documentos (pág. 56)

Convenção para a animação dos Cooperadores Salesianos.

VI. Dos Noticiários Inspetoriais (pág. 62)

1. Dar uma fisionomia salesiana aos Centros de orientação —
2. O "Círculo de Colônia" para os colaboradores leigos
— 3. Um plano para o clero local Chinanteco.

VII. Magistério Pontifício (pág. 67)

1. Refazermos em nós uma mentalidade cristã — 2. O lugar da humildade na renovação do cristão.

VIII. Necrológio — Primeiro elenco de 1975 (pág. 73)

I. CARTA DO REITOR-MOR

**OLHEMOS PARA O FUTURO
COM O OTIMISMO DE DOM BOSCO**

Roma, abril de 1975

Irmãos e filhos caríssimos,

desde algum tempo pensava no argumento desta carta, quando — devo dizer-vos — também solicitações e sugestões me estimularam à redação da mesma, e isso me veio através da correspondência — sempre numerosa e à qual procuro dar sempre a devida resposta — que chega de todas as partes do mundo salesiano. (Sinto prazer em vos dizer que é para mim grande enriquecimento recolher as confidências de tantos corações, escutar este coro de vozes de tom, língua e sensibilidade por vezes tão diversas, mas todas sintonizadas na gama comum de onda, que se chama Dom Bosco).

Tornando ao argumento da carta, há de vos agradar (e talvez causar maravilha) saber que, enquanto preparava o material, recebi uma “carta aberta” muito cordial, que me convidava ao ... otimismo.

O autor de carta tão simpática vinha assim — sem saber — abrir uma porta que para mim já... estava aberta de par em par.

Mas o fato demonstra que o argumento do otimismo — que se prende estreitamente à esperança e se manifesta na alegria — é de palpitante atualidade, ao menos por motivos — digamos assim — de reação.

O momento da história que estamos vivendo é de fato uma tentação contra a esperança e o otimismo, principalmente para espíritos talvez pouco reflexivos, ou melhor, fracos que não estão bem arraigados em raízes vigorosas de fé.

Não falo aqui dos que projetam e racionalizam uma situação pessoal que aparece psicológica, moral e por isso também vocacionalmente incoerente e vulnerada e consequentemente carregada de pessimismo.

Refiro-me, pelo contrário, aos inúmeros e, diria, a todos nós que assistimos e partilhamos, também com dor, das vicissitudes por vezes desconcertantes que nestes anos se registraram na Igreja, na vida religiosa e em nossa Congregação.

A todos pode ser útil uma reflexão tranqüila e serena sobre esse argumento que, considerando bem, é de interesse muito atual, não só cristão mas ainda nitidamente salesiano.

Foi dito, com efeito, que Jesus foi o grande otimista que disso deu prova suprema e inimitável com a sua crucifixão.

E quanto a nós Salesianos, somos filhos de um Pai que encontrou a força para enfrentar e vencer as lutas mais incríveis e superar obstáculos que humanamente teriam dobrado e quebrado as vontades mais tenazes. Mas não é por acaso que a Igreja aplica a Dom Bosco esta palavra da Escritura: "Contra spem in spem credidit". A sua esperança, arraigada na fé, tornava-o firme mesmo frente a situações desesperadoras.

Por isso, como cristãos e como Salesianos, mesmo julgando com sentido realista as situações que nos tocam ao vivo em nossa carne, temos, todavia, de considerá-las com serena tranqüilidade, procurando ver se motivos há, e quais, para olhar com olhos de esperança para o futuro que nos aguarda.

1. Crise e otimismo na Igreja

Ninguém ignora que estamos em momentos de profundas mudanças e, por conseguinte, de confusão em todos os campos da vida humana.

A Igreja e a Congregação se ressentem e em certo sentido refletem a crise bem grave e complexa que aflige o

mundo de hoje. É o que no-lo dizem, com evidente clareza, pessoas que falam com indiscutível autoridade.

A crise dos nossos dias

“O aparecimento por vezes explosivo do progresso — escreveu recentemente o Card. Garrone — sua aceleração por vezes vertiginosa, sua brusca extensão mundial, acharam o homem impreparado e puseram o mundo em perigo de perder, de golpe, a mesma razão do progresso: o homem, ele mesmo, ameaçado no seu ser físico na perspectiva de catástrofes, e sobretudo desorientado no seu ser moral. Desse modo a feliz promoção da pessoa humana, considerada agora como bem incontestável, pode por sua vez degenerar em doutrina de liberdade e autonomia, onde lugar já não há nem para uma verdadeira educação nem para o respeito da autoridade ⁽¹⁾.

Essa visão deve em certo sentido ser integrada com a de Paulo VI. “Jamais talvez como em nossos dias — disse o Papa — literatura, teatro, arte, pensamento filosófico têm sido testemunhos mais desapiedados das deficiências do homem, da sua fraqueza mental, da sua predominante sensualidade, da sua hipocrisia moral, da sua fácil delinqüência, da sua insurgente crueldade; da sua possível abjeção, da sua inconsistente personalidade; e toda essa acusação de que se compraz apóia-se num argumento terrível e aparentemente inexpugnável: “Este é o homem! É assim o grande e mísero filho do século! É esta a verdadeira realidade da vida!” ⁽²⁾.

Ora ninguém se maravilhará se a Igreja, posta e peregrinando num mundo ao qual não pode ficar alheia, sofre visivelmente as repercussões desta situação. O card. Garrone fala de “uma incontida avalanche de idéias, teorias, doutrinas, em meio às quais é muito difícil aos fiéis conservar e reencontrar o equilíbrio. Os pontos mais fundamentais da fé, prossegue ele, parece que perdem a estabilidade e se tornam discutíveis. Os mais preparados perguntam o que é que ainda resta das grandes certezas sobre as quais haviam construído a própria vida: a Ressurreição de Cristo, a Presença euca-

(1) GARRONE G-M., *La Chiesa 1965-1972*. LDC 1972, 62.

(2) PAULO VI, *Mensagem de Natal* de 20-12-1968.

rística, a Vida eterna. Pareceria não haver mais distinção alguma entre o pensamento de um teólogo talvez estranho à Igreja e a mais tradicional e oficial doutrina da mesma Igreja...”⁽³⁾.

Um quadro muito realista é o que também nos apresenta o mesmo Paulo VI. “Um espírito de crítica destrutiva tornou-se moda em alguns setores da vida católica. Há, por exemplo, revistas e jornais que parece não tenham outra função senão a de dar notícias desagradáveis sobre pessoas e fatos do meio eclesiástico; não raramente apresentam-nas de modo unilateral e até talvez um pouco distorcidas e dramatizadas para as tornar interessantes e mordazes e assim acostumam os leitores não já a um juízo objetivo e sereno, mas a uma suspeita negativa, a uma desconfiança sistemática, a uma desestima preconcebida para com pessoas, instituições, atividades eclesiásticas, e assim levam leitores e cor-religionários a uma libertação do respeito e solidariedade que todo bom católico, antes, todo leitor honesto, deveria ter à comunidade e à autoridade eclesial”⁽⁴⁾.

Por isso é que hoje não poucos elementos negativos há que afligem a Igreja: elementos esses que por sua vez se acham arraigados numa sociedade investida e abalada por um ciclone que envolve os mais vastos aspectos da vida: sociais, econômicos, civis, mas no fundo aspectos humanos e morais, e por isso religiosos.

Estamos diante de uma crise de evolução e mudanças das mais radicais que a humanidade conta na sua história.

E isso de modo paradoxal apesar, mas segundo alguns em consequência de um progresso técnico-científico sem precedentes, orientado, porém, de maneira agravante para proveito e bem-estar material do indivíduo, quer em nível de pessoas, quer de grupos, nações e sociedade.

As numerosas crises do passado

É pois natural a pergunta: para a Igreja são novidades provas desse alcance, crises dessa gravidade? Não é mister

(3) O. C., 59.

(4) PAULO VI, *Discurso na Audiência Geral* de 18-9-1968.

possuir profundo conhecimento da sua história para se ter idéia como a sua presença no mundo foi marcada por crises não menos graves do que a de hoje. Eis apenas umas referências, deixando que cada um de vós aprofunde e reflita sobre tais realidades.

Já no seu nascer diante do Crucificado no Cálvario, naquela tarde de trevas, quem quer que fosse (e os apóstolos são prova disso) teria falado de irreparável e definitivo fracasso. Sabemos, porém, o que é que sucedeu na noite daquele sábado...

Depois vieram as perseguições. Parecia que iam aniquilar e pulverizar cristãos e cristianismo. Ao invés, de todo aquele sangue floresceu uma Igreja renovada. As invasões dos bárbaros antes, as do Islam ao depois, davam também elas a impressão de que o cristianismo acabasse soçobrando e submergindo. Ao contrário, a Igreja, embora sofrendo perdas dolorosas, renasceu nas "igrejas" rejuvenescidas com o encontro entre povos novos e povos de antiga civilização.

Cismas e heresias de séculos mais pertos do nosso assinalaram por certo momentos bem dolorosos para a Igreja. Ela, todavia não só saiu purificada, mas, depois de lutas extenuantes, se achou com uma carga evangélica que a levou para além dos oceanos para anunciar a "boa nova" a povos então desconhecidos.

A Revolução francesa parecia que ia lançar por terra a Igreja. Mas não conseguiu. Também o século XIX, embora tenha sido um período de luta por vezes violenta contra a Igreja, acabou por ser um dos momentos mais fecundos da sua história. Basta pensar na floração de cristãos e santos de envergadura excepcional, no movimento missionário, no aparecimento em cena do laicato católico.

E ainda o nosso século — que também no seu princípio sofreu com o erro do modernismo — que de estupendas realizações, jamais imaginadas no passado, não viu, em planos nacionais e internacionais! Pensar, p. ex., na multiplicação, um pouco por todas as nações, dos grandes e fecundos movimentos da Ação Católica ou no fato admirável dos Institutos seculares.

Que concluir dessa rápida divagação pela história da Igreja? Mesmo sob um ponto de vista somente histórico

(podemos, porém, avaliar a Igreja só com este padrão?), a Igreja bem sabe que a sua história é história de lutas. “O seu Fundador não lhe profetizou, muito menos garantiu, uma vida tranqüila. Mas prometeu que estaria com a sua Igreja até o fim dos séculos”⁽⁵⁾.

As vicissitudes de vinte séculos estão a demonstrar que esta barca misteriosa, açoitada sempre por ondas impetuosas, também quando parece que soçobra, vence as voragens e prossegue sua rota.

A Igreja, é bom lembrar, não conta a sua vida por gerações nem se prende a uma porção determinada da terra. O card. Schuster, historiador insigne, recordava, a esse respeito, quanto sucedeu para as Igrejas do Oriente e do Norte da África. De florentíssimas que eram, foram literalmente submergidas pelo Islam, como o deserto pela areia. Mas esse fato não significou o fim da Igreja, que logo se desenvolveu e cresceu em outras partes e continentes.

A conclusão dessas modestas, mas, espero, não inúteis reflexões sobre a Igreja, parece-me esteja nas palavras do card. Garrone em seu livro claro e corajoso sobre a Igreja. Ele, depois de ter feito o diagnóstico sereno e objetivo a que me referi, conclui: “Não podemos arrogar-nos o direito de desesperar”. E com razão.

A confiança que Paulo VI tem

Nesta linha de reflexão convém lembrarmos também o que diz Paulo VI. Sem desconhecer na situação da Igreja os elementos negativos, põe em não menor evidência os positivos que se podem constatar. “Seria desconhecer, ou interpretar mal inúmeros “sinais dos tempos” — diz a esse respeito — se não demonstrássemos saber apontar no tumulto das inquietações e agitações de hoje certas aspirações, certos princípios que nos parecem presságios e fatores de uma feliz renovação”⁽⁶⁾.

(5) COURTOIS G., *Incontri con Dio*, 2, 172.

(6) PAULO VI, *Audiência para a sexta Assembléia Geral da CEI*, 11-4-1970.

Em outras ocasiões Paulo VI tinha precisado: “Graças a Deus, parece que podemos ver (na Igreja e na sua vida) uma medida de bem e de esperança bem mais ampla do que aquilo que se possa considerar como negativo; e parece-nos que também quanto ao que é negativo se possa nutrir confiança bem fundada de renovação. Induz-nos a isso, primeiramente, a consciência e também a experiência da decidida, consciente, irremovível fidelidade da totalidade — podemos dizer, quase sem exceção — dos nosso irmãos no Episcopado, à Igreja e ao humilde sucessor de Pedro e Vigário de Cristo Senhor; fidelidade essa, que, demonstrada e reafirmada em situações e momentos difíceis, dá à Igreja a tranqüila segurança que nasce da união do Colégio episcopal à sua Cabeça...

“Assim é que nos confortam os testemunhos que nos chegam, repetidos e confortantes, de todas as partes do mundo, especialmente dos que ficaram, por condições externas, por mais tempo separados de nós, e onde a religião e a liberdade da Igreja sofrem ainda limitações e restrições injustas, como se elas façam sentir mais vivamente a necessidade da união de coração e da comunhão jerárquica com o centro da Igreja, e estreitem os vínculos da caridade para com o Pai e irmãos...”⁽⁷⁾.

A confiança a que nos convida Paulo VI com a constante e comvente palavra e não menos com o testemunho que dá, é imensa, pessoal, total, porque se apóia antes de mais nada em Cristo ressuscitado, motivo e fonte da nossa esperança. É a confiança de São Paulo: “Scio cui credidi”⁽⁸⁾, sei em quem pus a minha confiança. Pensamento que Chesterton, o conhecido escritor humanista, assim parafraseou em seu estilo inconfundível: “O cristianismo morreu muitas vezes, e sempre ressuscitou, porque tinha um Deus que conhecia o caminho para sair do sepulcro”.

2. Otimismo e crise na Congregação

A esta altura surge espontânea uma observação: é verdade, a Igreja tem a palavra de Cristo. Ela, mesmo através

(7) PAULO VI, *Discurso aos Cardeais do Sacro Colégio*, 23-12-1968.

(8) 2 Tím 1,12.

das lutas, purifica-se, renova-se e permanecendo sempre a mesma, levanta-se. Mas que é que podemos dizer da Congregação?

Falemos um pouco com serena lealdade: penso que a conclusão está bem longe de ser diferente, mesmo que haja alguém que se possa impressionar diante de sombras que caíram sobre a Congregação. Aliás, se tantos fatos provocados pela crise envolveram a Igreja em campos os mais disparatados, poderiam talvez deixar de repercutir também em nossa Congregação? Pois ela é feita de homens que por natureza e atividades se acham inseridos na mesma sociedade que denuncia os efeitos da grande crise que a aflige.

A Congregação não podia, pois, escapar dessa “chuva atômica” que por milhares de canais chega a toda parte e de um modo ou doutro a todos envolve e compenetra.

Também nós, que não vivemos na lua, nem assepticamente isolados numa tenda de oxigênio, sofremos e estamos ainda sofrendo os efeitos desse revolvimento universal, ainda que não em todas as partes no mesmo modo e medida.

O Capítulo Geral, com penoso trabalho que durou meses, movendo-se na linha indicada pela Igreja no Concílio, dera orientações, diretrizes, Constituições e Regulamentos que deviam precisamente responder — na linha da nossa identidade e carisma — às exigências decorrentes das profundas e irreversíveis transformações atuais: trabalho esse que, no seu conjunto, sem pretender ser perfeito, foi reconhecido também fora da Congregação, como corajoso e ao mesmo tempo realista e prudente.

Quais foram as “reações” a todo este serviço prestado pelo Capítulo Geral?

Com sinceridade devemos reconhecer que, ao lado de louváveis e frutuosos passos e esforços para sua realização, em não poucos casos o impulso dado pelo Capítulo Geral à renovação marcou passo, às vezes foi morrendo, ou, pior, foi deformado, como se o Capítulo Geral tivesse eliminado elementos fundamentais da vida consagrada e da missão salesiana na Igreja.

A nossa crise é crise de reflexo

Neste ponto é espontânea a pergunta: quais as causas, pelo menos gerais, que explicam essas reações — embora em medida variada — negativas?

Deixando de lado o que fica por conta de fraquezas e limitações que há no fundo de qualquer ato humano, e ainda mais das sociedades humanas, e deixando ainda de lado a complexidade de uma ação qual é a da renovação, houve, penso eu, duas causas opostas fundamentais que enfraqueceram, num lugar mais, noutro menos, a ação que devia ser posta em prática como fruto do Capítulo Geral.

De um lado, uma espécie de inércia com uma alergia indiscriminada a tudo o que pareça diferente do passado, uma insensibilidade daria quase cega e surda diante das mudanças profundas da sociedade especialmente juvenil, uma falsa idéia de fidelidade que não chega a distinguir entre o essencial e o contingente, entre o perene e o transitório, o permanente e o caduco.

De outro lado, a aceitação, na teoria e mais ainda na vida, como se fossem novos dogmas, de tantas idéias correndo hoje na Igreja, que minam pela raiz, até o sentido da fé, do Evangelho, da Igreja: idéias que põem em discussão (e não só em discussão) elementos essenciais da fé, como Sacerdócio, Eucaristia, Autoridade do Papa...

De aí o passo que não é largo para se chegar a uma concepção que se poderia dizer subversiva, na teoria e mais ainda na prática, da vida religiosa, votos, vida comunitária, oração.

Não nos deve causar maravilha se, aceitando-se essas idéias (fala-se de teologia... materialista, de teologia da morte de Deus...) também ao sentido da nossa vocação acabe por faltar a sua alma — o sobrenatural. E se chegue a degradar, até mesmo a esvaziar a nossa missão. Acaba-se assim por reduzi-la a uma espécie de atitude agnóstica em nome da liberdade pessoal, ou a uma teimosa doutrinação sócio-política (na qual, porém, não se respeita a liberdade da pessoa), ou a uma promoção puramente cultural, ou a uma amizade e simpatia humana apresentada como pré-evangelização (que fica, porém, sempre presa só a este nível).

Não é o caso de descer a outros particulares. Aliás já tive modo, na carta contra o aburguesamento ⁽⁹⁾, de descrever vários desses elementos negativos, que entraram de fato em alguns dos nossos ambientes.

Ora, é claro que em todo este secularismo (é o nome devido), com as suas inúmeras ramificações ideológicas e morais, nada há que seja do Capítulo Geral, e muito menos de Dom Bosco. São desvios, arbitrariedades, deformações fora do Capítulo Geral Especial e contra ele. O Capítulo, convém recordar e insistir, a quem quer que leia com uma pouca de atenção, aparece todo repassado de sentido vivo de renascimento e dinamismo, mas não menos repassado de sentido sobrenatural, espiritual e autenticamente salesiano.

Concluindo esse ponto, devemos reconhecer que todos, se amamos a nossa Congregação e a sua vida, deveremos encaminhar-nos sem delongas no sentido e no espírito que nos foi claramente indicado pelo Capítulo Geral Especial, se não quisermos tornar-nos responsáveis — pouco ou muito, não importa — por brechas irreparáveis, se não quisermos esvaziar e sacrificar a missão que a Providência nos confiou.

O otimismo dos fortes será o nosso

Nesta altura, o querido autor da “carta aberta” sobre o otimismo poderia talvez pensar: este — do Reitor-Mor — é um quadro pessimista: parece que em nossa Congregação tudo seja negativo.

É justo que se esclareça e aponte em particular.

O nosso otimismo não pode e não deve ser um otimismo ingênuo, simplista, irreal, fruto de temperamento que não percebe falhas, desvios, dificuldades, riscos, que subestimando-os não lhes dá a devida importância.

O nosso otimismo, na linha de Dom Bosco, é o dos homens fortes antes de tudo na fé, em que estão radicados tenazmente e sem sombras de incertezas; fortes, depois, na vontade empreendedora, que se torna a coragem de cada dia

(9) *Atos do Conselho Superior*, n. 276 (outubro de 1974) pág. 15-18 e especialmente 30-35.

para ir com paciência tranqüila e constância inabalável no encalço da meta que se distinguiu de modo claro. Uma coragem esclarecida, que estuda caminhos e instrumentos os mais oportunos para atingir essa meta e verificando e oportunamente corrigindo uns e outros, sem se render diante das inevitáveis dificuldades: uma coragem com os olhos sempre atentos na meta a alcançar.

É exatamente isso o que estamos procurando fazer. Esbocei alguns aspectos negativos, porque numa família de adultos convém que todos os membros juntos tenham sinceridade e coragem de ver e reconhecer eventuais sombras no quadro do que lhes interessa.

Em suma, para sermos otimistas, como homens fortes, como cristãos de consciência e coerentes, e como filhos de Dom Bosco (que foi homem da Igreja corajoso e realista ao mesmo tempo), não se pode bancar avestruz quando sopra o vento do deserto: seria, além do mais, expediente de espíritos tímidos e pusilânimes. Devemos, pelo contrário, ter a coragem serena de encarar a realidade e aceitar as verdades, até as que nos agradem menos.

Mas, depois disso, devemos logo acrescentar, precisamente em homenagem ao realismo de que nos dá exemplo constante Paulo VI, que as referências negativas que acabei de fazer não são o quadro todo, representam tão só certas sombras do quadro. Numa palavra, a nossa Congregação não é, graças a Deus, feita só de sombras e defeitos, e as infidelidades não são de modo algum fato generalizado, universal. Há, ao invés, luzes estupendas e não isoladas que encham de conforto e alargam o coração para um otimismo de sólidos fundamentos.

Há um futuro para a nossa Congregação

Que pensar então? Que é que podemos fazer? Qual a nossa atitude em face da "realidade total" da nossa Congregação?

Começarei, com lealdade fraterna, com uma afirmação assaz importante (permiti que diga o que penso, e penso que estou com a realidade).

A nossa Congregação, seria ridículo ignorar, acha-se também ela como as outras Congregações diante de dificuldades de várias espécies e muito sérias. Mas autoriza-nos isso a falar de uma “crise mortal” por que esteja passando? Dever-se-á talvez suspeitar, como pensa alguém, que para ela já não haja um futuro? Eis a minha resposta: de modo algum! E há muitas razões que dão força à minha afirmação.

Digamos de antemão que a Congregação no seu todo — embora revele aqui e ali alguma desordem funcional na assimilação de elementos não normais e se ressinta negativamente da presença em seu ambiente de elementos que se podem dizer tóxicos ou degenerativos — apresenta entretanto um corpo substancialmente são.

Os problemas que devemos hoje enfrentar pela vida, ou melhor, pela fidelidade da Congregação, não são os que Dom Bosco teve que enfrentar, nem são os que no passado acometeram a Congregação. São, sob muitos aspectos, diferentes, embora não menos árduos e difíceis. Naturalmente — e o que digo é de importância fundamental — exigem de nós não fiquemos inertes, nem que nos contentemos de estéreis lamúrias, que nos fechemos no casulo fatal do desalento e frustração (isso seria sinal de almas de ideais apagados e carentes da esperança que é molde do cristão e mais ainda de todo construtor do Reino).

Isto posto, reflitamos juntos. Para a nossa Congregação não são novidades provações até bem duras e difíceis. Até agora a todas venceu com sucesso. Poderá vencer a provação de hoje? A resposta — repito — é para mim seguramente positiva e baseada em boas razões. Mencionarei algumas.

3. Os motivos da nossa esperança

Há um fato que se repete em muitas ocasiões e nas formas mais variadas: um fato que me faz pensar. O Papa, e com ele inúmeros outros responsáveis pelo governo da Igreja, em Roma e fora de Roma, em todos os continentes, também personalidades leigas, às vezes não cristãs

e não crentes, demonstram tal confiança e estima pela nossa Congregação que às vezes, diria, quase me humilha e confunde.

a) *A Igreja e a sociedade têm confiança em nós*

Essa atitude — evidentemente sincera e desinteressada, tão generalizada em pessoas que bem conhecem homens e fatos da Igreja e do mundo, e que continua, apesar de casos incapazes por certo de despertar imagem positiva da nossa Congregação ou pelo menos de alguns dos seus membros — essa atitude, estava dizendo, não pode deixar de corresponder a certa realidade que nela há.

Compreendo: quem, estando do lado de dentro, nota por vezes certas falhas, misérias e infidelidades, pode ficar admirado e quase céptico diante desses sinais de apreço; mas talvez se esqueça de que quem os dá não se perde em detalhes de indivíduos ou situações, mas olha para todo o corpo. Ora, esse, no seu conjunto, dizíamos, apresenta-se e é julgado como organismo são e válido, no serviço que presta à Igreja e à sociedade.

Não me parece fora de propósito dar-vos a conhecer quanto, meses faz, Paulo VI dizia a um grupo de irmãos do “Terceiro Curso de Formação Permanente”. São, a meu ver, uma síntese de muitos outros juízos desse gênero:

“Providencialmente para a Igreja, sabemos que sois promotores e defensores do genuíno espírito do cristianismo. E tendes a mestria e, diria, o encanto de suscitar cristãos novos, de levar essa juventude do nosso tempo, que parece refratária ao cristianismo vivido e verdadeiro, à prática da religião... Nós encorajamos de todo o coração a vossa dedicação e a vossa especialização neste campo. Não tendes medo! Sede bons Salesianos, filhos de Dom Bosco e prestareis um grande serviço à Igreja e à sociedade”⁽¹⁰⁾.

Essas palavras representam uma constante na estima do Papa pela nossa Congregação e mais do que suscitar em nós estéril complacência, confortam-nos e animam-nos a bem merecer a estima e confiança da Igreja.

(10) *Saudação aos Salesianos* na Audiência Geral de 20-11-1974.

b) *A nossa missão é mais atual que nunca*

A parte a estima e apreço de que a nossa Congregação goza na Igreja e nos mais diversos setores da sociedade, é justo se veja de dentro se, *omnibus bene perpensis*, a nossa Congregação tem motivos de olhar com confiança para o seu futuro.

Vejamos alguns deles.

Muitas Congregações devem hoje rever também em profundidade a própria missão, à luz das mudanças radicais destes anos. Nós, se é o caso, temos principalmente que nos empenhar de maneira mais decidida em prol dos que são os destinatários da nossa missão: os jovens.

Todos reconhecem já que os jovens nesta nossa época alcançaram importância capital na sociedade; da juventude se fala francamente como de um novo “estado social”. E se então se acrescentar que os jovens em muitas regiões do mundo representam também em número força enorme e, dir-se-ia, explosiva, pode-se então pensar que a nossa missão se desvança por falta de... “matéria” sobre a qual trabalhar, de destinatários em prol dos quais realizar a nossa missão? A nossa Congregação é aberta e olha para o futuro precisamente porque se orienta para o serviço dos jovens, que são o futuro e a esperança.

O problema, pois, não está na razão de ser da nossa missão, mas na maneira de amoldá-la a tempos, sensibilidades, exigências e dificuldades novas. Mas agora nós é que somos postos em causa com a nossa mentalidade, com a nossa insensibilidade, com a nossa vida parada, com certa esclerose, que não se esforça em “compreender” e aceitar as mudanças que se fizeram e ainda vão amadurecendo nos campos mais diversos: mudanças muitas vezes irreversíveis e que como quer que seja não impõem abandonemos o campo da nossa missão, mas novo modo, diversa tática de neles trabalhar.

Não foi assim que fez Dom Bosco? Não foi essa a sua “novidade”? Se tivesse ficado preso às formas dos que encobriam a própria passividade e miopia com o escudo do que chamavam de prudência, dignidade, tradição, Dom

Bosco — no dizer do nosso P. Caviglia — teria “ficado no campo dos irmãos Filippi”. Ou teria talvez desanimado de vez, desaparecendo no fundo da crônica diária de uma cidade provinciana...

Dom Bosco, bem longe de se amedrontar das novidades impostas pelos tempos, aceitou-lhes por assim dizer o desafio e fez que servissem aos seus intentos.

c) *Não temos as dificuldades que Dom Bosco encontrou*

Não eludo fáceis objeções: “Dom Bosco era Dom Bosco, e nós... coisa pequenina; e a Congregação sofre hoje crise que não é leve nem simples”. Respondo, antes de tudo, que não convém identificar situações particulares que sejam negativas, com toda a Congregação. E depois, tenhamos presente que não devemos enfrentar aquele mundo de obstáculos e dificuldades que o nosso Pai teve que vencer sozinho contra muitos, também contra gente da Igreja, contra poderosos, que, apesar da boa intenção, de mil modos lhe foram duros e, diria, obstinados adversários, com vontade constante de dar morte à Congregação. A situação hoje é diferente e sob muitos aspectos é até favorável.

Temos uma tradição rica e constante, criada desde Dom Bosco. Depois da morte do Fundador ela se foi aclarando e solidificando num século de vida e experiências e isso é garantia e segurança para o caminho que nos resta.

Temos, graças a Deus, homens não só de grande valor, preparados e generosamente empenhados nas mais variadas tarefas da nossa missão; e temos na Congregação homens de todas as idades (e noto-o expressamente) que vivem, com intensidade e igual simplicidade e convicção, a vida, a missão e a espiritualidade salesiana.

Queria especialmente observar que há na Congregação numerosos irmãos que vivem de oração: oração que acompanha e anima atividade intensíssima e fecunda, “à Dom Bosco”. E isso onde quer que se trabalhe no nome do nosso Pai.

d) *Há muitos irmãos desejosos de se doarem*

Prova dessa “riqueza” apostólica e espiritual, que circula como sangue que dá vida ao corpo da Congregação, encontro-a nas cartas que de muitas partes da Congregação recebo de resposta ao convite que fiz para as missões por ocasião do Centenário. E trata-se de irmãos, jovens e homens maduros, desejosos tão somente de se doarem sem reserva, para qualquer lugar (muitos até pedem que sejam enviados aos lugares mais pobres, mais necessitados e abandonados).

Como é que isso não nos há de confortar?

Mas esse exército, embora ativíssimo, não faz rumor de modo algum; nem por isso está menos eficazmente presente e é menos eficazmente operativo. Presta-se pouca atenção a este fato, a esta realidade e se entende o motivo: uma árvore que cai faz rumor muito maior do que toda uma floresta de plantas que vão crescendo.

“Entretanto — observa von Balthasar sobre um plano mais universal, como o da Igreja — deve ser motivo de conforto refletir que não só fica o mal impresso na memória mais do que o bem, mas ainda que o mundo não pode ver, ou só muito indiretamente, o bem cristão. Quem é que pode contar e avaliar os atos de autodomínio com que se impede o mal? Os atos de desinteressada penitência e caridade? O alcance de ardentes preces íntimas? Quem é que conta e avalia tudo isso senão só Deus, que conhece as experiências dos santos, que, colocados entre as forças do céu e do inferno, estando embora nos lugares mais escondidos, transformam radicalmente inteiros períodos históricos, removem montanhas inteiras de culpas, e abrem caminho em situações sem saída? O passivo da Igreja não se pode fechar sem esse ativo”⁽¹¹⁾.

Reflexões análogas, e com bom conhecimento de causa, creio que devemos fazer para a nossa Congregação, se quisermos ter dela um quadro clínico global que corresponda à realidade.

(11) URS VON BALTHASAR, *Chi è il Cristiano*, 14.

A Congregação, é preciso conhecê-la pelo interior, na sua totalidade, no seu íntimo, diria, para avaliá-la não superficial nem parcial e injustamente. Não podemos avaliá-la pelo exterior ou por setores, muito menos generalizando situações locais como se fossem de toda a Congregação, e, em todo caso, catalogando só o passivo (quando o seja de fato) e ignorando por completo o ativo.

e) *Depois de toda tempestade recomeça a vida*

Mais acima referi-me a homens de todas as idades que na Congregação vivem em generosa fidelidade a própria vocação salesiana. Parece-me justo e útil ser mais explícito.

Houve um momento em que os nossos irmãos moços foram como que colhidos por rajadas de tempestade violenta; muitos soçobraram. E não só os que ainda estavam no período da prova, mas também sacerdotes nem sempre dos mais moços. Foi um fenômeno que se passou com a fúria de um ciclone imprevisto, de componentes inúmeros e complexos, alguns vindos de longe e provocados não raramente por quem já não era tão moço. (Talvez haja, em todo esse fenômeno doloroso, responsabilidades que será prudente e justo analisar, ao menos para não se cair em velhos erros).

Foi grande o dano em nossa Congregação, como também na Igreja e em outras Ordens e Congregações. Mas convém dizer que o tufão serve também para erradicar plantas estéreis, doentias, parasitas, ressequidas.

Olhando agora ao derredor parece que a tempestade, pelo menos na forma violenta e impetuosa, foi superada. Restam, é claro, não poucas e dolorosas conseqüências e feridas. Mas se temos a impressão de que nos achamos diante de uma cidade depois que passou um tornado impetuoso, graças a muitos sinais temos também a clara sensação de que, depois da tempestade, ainda esta vez a vida vai recomeçando. E recomeça para reconstruir, valendo-se da dura experiência que sofreu.

E indico isso especialmente no campo vital das vocações.

f) *Há um novo surto de vocações*

Motivo de esperança e de confiança, diria à mão, é constatar um novo surto de vocações em não poucas Inspetorias. E são vocações de jovens dotados de maturidade e preparação superiores em comparação com as gerações passadas. É o que confirma o melhor índice de perseverança dos noviços destes últimos anos.

São jovens que bem sabem do “vendaval” que assolou as Inspetorias, e muitas vezes dizem abertamente que não se confundem com os irmãos, mesmo relativamente jovens, que descuidam a oração, que tentam racionalizar a sua falta de fé, que não amam o trabalho salesiano, que não acham importante conhecer a Dom Bosco, e são desleixados em lhe viver a espiritualidade. Ora o fato de as novíssimas gerações recusarem essas atitudes é sem dúvida alguma sinal bem confortador.

Permiti-me que me detenha ainda — a propósito de novas vocações — fazendo à guisa de exemplo umas citações (e peço de antemão vênia se não posso dar um elenco completo).

No ano corrente as duas Inspetorias dos Estados Unidos têm 21 noviços; Venezuela, 19; São Paulo, 19; América Central, 12; as duas Inspetorias da Colômbia, 18.

Na Europa, a Inspetoria de Bilbao tem 31 noviços, dos quais 4 são coadjutores; Madri e Leão, 40, dos quais 15 são coadjutores; Inglaterra e Irlanda, 14; as duas Inspetorias da Polônia, 29.

Na Ásia, as Inspetorias da Índia contam quase 100 noviços; as Filipinas, 19; Viet-Nam, 17.

Na Austrália, no dia de Dom Bosco, 7 moços fizeram a primeira profissão.

Esses noviços, pelo que me garantem os Inspetores, dão garantia de uma boa perseverança, porque preparados num tempo de “prova” que vai tomando uma fisionomia cada vez mais clara e precisa, são seriamente selecionados e entram na Congregação em idade mais madura do que pelo passado.

Depois dessas constatações, queria fazer uma reflexão. Se é verdade que a presença de boas vocações é sinal de fecundidade da Congregação, e em todo o caso é condição para sua vida e seu futuro, não vos parece, caríssimos, que esse novo surto que se verificou em numerosas Inspetorias seja motivo — podemos dizer imediato — de confiança e esperança, no futuro fecundo da nossa Congregação?

Não saímos ainda do túnel

Por certo não saímos ainda do túnel. Resta-nos ainda muito caminho; há muito que construir e não pouco que reconstruir. É verdade. Nem em toda a parte é promissor o terreno das vocações. Seria erro imperdoável ter ilusões e descansar diante de algum progresso, embora válido e fecundo. Devemos, por isso, prestar atenção devida e concreta às situações negativas que podem ter causas bem diversas, talvez extrínsecas à Inspetoria, mas que provêm também do seio das comunidades inspetoriais e locais.

Cumpra então ter coragem e sinceridade para encarar a realidade e não procurar evasiva em cômodos lugares comuns, para indicar causas e encontrar remédios.

Temos que reconhecer que uma ou outra Inspetoria se encontra em situação bem séria, e até admitir que esteja a caminho de um fim doloroso. Mas em todo o caso trata-se de casos particulares, que não comprometem a situação global da Congregação.

Calha neste ponto o problema do número.

Como bem se sabe, nestes últimos anos, por causa das vicissitudes a que nos referimos, diminuiu sensivelmente o número dos Salesianos.

É constatação que nos penaliza. Porém, devemos logo acrescentar que mais doloroso e prejudicial se nós, os que ficamos na Congregação, não nos ajustamos, como consagrados e como Salesianos, às exigências atuais da Igreja e da Congregação.

Hoje, muito mais que pelo passado, a florescência e a verdadeira grandeza e fecundidade da Congregação não se

medem pelo número, mas pela qualidade dos Salesianos (por qualidade entendo aqui, antes de mais nada, qualidade espiritual e salesianamente apostólica, sem que por isso queira pretender que os irmãos sejam “super-homens” do espírito e do apostolado).

Paulo VI, falando desse assunto, disse palavras muito claras: “Não é o número que importa. É o fervor e o devotamento; é o espírito”⁽¹²⁾.

Ter número, que cresce, de Salesianos, mas mediócras, ou pior, infieis, hoje especialmente, mais do que elemento forte e fecundo poderia ser elemento fraco, fonte de crises mais graves, e até de ruína. Observou um escritor que se se ajuntam mediocridades, elas não se somam, mas se multiplicam; compreendeis então qual poderá ser o resultado de uma operação feita com essas entidades: o nível das nossas comunidades se abaixaria em medida negativamente crescente. Certamente não desprezaremos o número, mas não devemos fazer dele um ideal, um mito que se haja de realizar, custe o que custar.

Percebemos de fato que hoje, depois da experiência deste decênio, é da qualidade que nos devemos preocupar, evitando erros do passado, que se mostraram com toda a sua gravidade precisamente nestes anos de crise. Estou me referindo a leviandades e superficialidades nas admissões, pareceres indulgentes sobre graves carências psicológicas, de caráter e vocacionais não devidamente avaliadas, que encaminharam candidatos que jamais deveriam ter sido admitidos em nossa Congregação.

g) *Há uma florescência de novas iniciativas*

Mas retornemos ao assunto principal. Há ainda outro motivo, antes uma série de motivos que alimentam substancialmente a nossa confiança. Também aqui só citarei alguns.

Na verdade houve atrasos, renitências em pôr em prática o CGE, em nos renovarmos como ele nos indicara

(12) *Discurso na Audiência Geral de 17-9-1969.*

claramente em consonância com a vontade da Igreja. Mas, para comum conforto nosso, devemos reconhecer que demos largos passos e progredimos eficazmente na realização dessas diretrizes.

Bem pudemos constatar nas reuniões com Inspetores, Diretores, Conselhos inspetoriais e centenas de irmãos. Confirmam-no os Superiores ao voltar das visitas às Inspeorias. Confirmam-no também muitos de vós.

Há em muitas comunidades esforço sério e digno de louvor para dar à oração o lugar que lhe compete e para torná-la eficaz, livrando-a de formalismos esclerosados, sem entretanto transigir com extravagâncias e arbitrariedades que empobrecem e distraem mais do que aproximam do Invisível.

Muitas comunidades, embora através de sofridos trabalhos, conseguiram e vivem hoje alegremente um ambiente de sincero respeito, fraterna compreensão, solidariedade, colaboração fecunda em meio ao muito trabalho em que se empenha cada um dos grupos das mesmas.

E que dizer da vida orientada para o sentido da austeridade salesiana que junta ao trabalho generoso é fonte da alegria serena de todas as comunidades? Mais de um Inspetor pôde escrever-me palavras como estas: “Somos pobres de verdade, mas somos felizes em nossa pobreza”.

E agora quereria apresentar-vos um panorama adequado de todo o fermento de crescimento autêntico que se está realizando em nossa Congregação. Seria praticamente impossível dar um elenco completo das iniciativas voltadas a pôr em prática, de modo substancial, nos mais diversos setores, a nossa renovação espiritual e apostólica. Mas é conveniente ao menos referir alguma coisa.

Penso nos *cursos de formação permanente* organizados pelo Centro. Todos os que tomaram parte neles, são agora as testemunhas mais eficazes de todo o bem que receberam, antes de tudo para sua vida pessoal, e não menos ainda para a sua ação. Desses cursos estão-se programando para irmãos Coadjuutores, para Missionários. Mas sabemos que já se fazem e programam cursos semelhantes, organizados de maneiras várias, em várias Regiões. São uma bênção.

O *biênio de espiritualidade* na Universidade Pontifícia Salesiana é freqüentado por dezenas de irmãos, não só Sacerdotes mas também Coadjuutores, que nesse curso ganham alimento substancioso para o exercício do próprio apostolado nas Inspetorias. Ao curso bienal acrescentam-se outros cursos de atualização teológica e pedagógica, não só na UPS, mas em muitos outros lugares.

Quanto aos *retiros*, especialmente anuais, estão-se fazendo progressos confortadores para torná-los mais eficazes e frutuozos, e em consonância com as novas sensibilidades. E para tais objetivos prepara-se o pessoal.

Sabereis os esforços que se estão fazendo para retomar e levar para frente de maneira sistemática os *estudos históricos* sobre Dom Bosco, a Congregação, a nossa espiritualidade: riqueza que não pode ficar como mina desaproveitada.

Gostareis também de saber que um pouco quase em todas as partes estamos dando nossa *colaboração às igrejas locais*, muitas vezes bem apreciada, nos campos mais diversos: dos instrumentos de comunicação social à pastoral em setores particulares, à assistência aos emigrados, à alfabetização.

E em nosso campo de ação, quantas iniciativas de *catequese!* Quantos centros catequísticos e de pastoral juvenil!

Ouçó falar também de realizações interessantes e, o que mais importa, construtivas, no campo da *pastoralização da escola*, na criação de uma eficiente *comunidade educativa* em que tomam parte, com senso de responsabilidade salesiana, os leigos, os pais de alunos. E isso não só nas escolas, mas também nos Centros Juvenis, nas obras, corajosas e características, de recuperação de meninos marginalizados, difíceis, meninos da rua e da periferia.

Estão surgindo novas formas de *associacionismo e movimentos juvenis*. De muitos lugares fico sabendo que a esse respeito há um surto patente, com formas originais, mas com a preocupação de dar pão nutritivo a esses caros meninos e não pedras ou sucedâneos que fazem mal. Aliás os jovens são os primeiros a exigir hoje esse pão nutritivo e saboroso, a reclamar trabalho sério, que faça Cristo crescer em suas almas.

E vejo com prazer, em várias partes já, grupos de jovens, devidamente preparados, que se dão ao *voluntariado* autenticamente *missionário*. Alguns desses jovens sei que deram o passo generoso abraçando a vida consagrada.

E conviria viver em nossas *missões*, em meio aos grupos de irmãos anciãos e jovens que despendem e sacrificam — e com que alegria! — a própria existência por irmãos faltos de tantos bens, mas ricos na sua simplicidade, da fé e da amizade com o Pai.

Nesta linha autenticamente missionária devo citar numerosos irmãos que trabalham com devotamento cheio de humildade e amor cristão entre os *pobres dos mais pobres das periferias*: “slums, favelas, villas miserias, casas brujas, ciudades perdidas, bidonvilles”, nomes esses diferentes mas que indicam todos eles um só e mesmo flagelo: a miséria humana, a miséria moral... cujas vítimas — as mais atingidas — são precisamente os meninos. E exatamente para eles é que se voltam salesianamente as especiais preocupações dos nossos Salesianos.

Bastariam esses milhares de generosos irmãos para talvez persuadir àquele que viva uma vida débil e como que sem sol, que a Congregação é viva, é vital, é fecunda, que a Congregação exerce sua ação com entusiasmo na Igreja de Deus.

Penso finalmente nos *Cooperadores Salesianos* (e entre eles, principalmente nos moços), nesta grande força apostólica e espiritual da Congregação que se vai estendendo com renovada consciência da missão que Dom Bosco lhes confiou ao nosso lado.

Poderia continuar catalogando tantos elementos positivos que estão reanimando, dinamizando-a, a nossa Congregação. Mas acho que os mencionados bastem para nos dar idéia da realidade em que ela vive hoje.

Cabe-nos construir o futuro da Congregação

De todas essas considerações parece-me se possa tranquilamente deduzir que temos direito e dever de olhar para a Congregação e para o seu porvir com confiante esperança.

É claro que a fonte da nossa esperança é antes de tudo Deus, o Cristo ressuscitado; para sermos mais exatos, ela se arraiga e alimenta na fé. A fé intensamente vivida fez do nosso Pai o novo Abraão que “contra spem in spem credit”; a fé levou a ousarem o impossível milhares e milhares de construtores do Reino de Deus na Igreja, e tantos Salesianos, conhecidos e ignorados. E a fé nos deve sustentar também a nós: “Adauge nobis fidem”, diremos então com os apóstolos: “Senhor, aumentai a nossa fé”. Parece-me que este é o ponto importante!

Mas não basta. Se a nossa esperança tem em Cristo o seu alimento, Deus na sua misteriosa economia não se quer substituir a nós. Por isso, “ajuda-te, que Deus te ajudará”. Deus nunca é o nosso substituto. Ele não faz as coisas em nosso lugar e deixa-nos, em nível humano, toda a responsabilidade. Mas em Deus nos tornamos mais fortes, com a condição de fazermos o melhor que pudermos. Aliás era o que fazia Dom Bosco!

Devemos, portanto, ser colaboradores de Deus, para nos tornarmos com ele obreiros da nossa esperança. Como os nossos Pais construíram a Congregação nestes cento e tantos anos, assim agora nós é que somos responsáveis pelo seu futuro.

Quando digo nós, entendo dizer que ninguém fica excluído de tal responsabilidade.

Devemos sentir vivamente na própria carne este mandato: cada um de nós em maior ou menor medida — conforme o papel a que a Providência o destinou com a personalidade, com a cultura, com o prestígio de que as várias circunstâncias da vida o enriqueceram — tem o poder de ser construtor do futuro da Congregação. Mas, ao mesmo tempo, tem a trágica possibilidade que devemos esconjurar, de ser um seu destruidor.

Recordo, de anos que vão longe, um filme que dava de modo plástico e chocante a idéia de como uma nação possa arruinar-se por obra não de inimigos externos, mas a partir do seu lado interno, pela múltipla obra demolidora dos seus próprios cidadãos. Viam-se muralhas maciças, construídas com blocos ciclópicos. Nas anfractuosidades e nas

saliências das muralhas havia uma miríade de homenzinhos, armados cada um de uma picareta minúscula. Esses homens liliputianos desferiam febrilmente golpes e golpes. E eis que, um a um os gigantescos blocos eram abalados, estre-meciam e por fim ruíam fragorosamente. As muralhas, fortes e maciças, naturalmente inabaláveis, eram arrasadas pelo trabalho demolidor dos milhares e milhares de pequenos golpes.

A imagem é de per si eloquente, não precisa de explicações. É realidade também para nós. Lembremo-nos de que o trabalho negativo se pode fazer de muitos modos: resistências, desvios, absentéismo, desânimo...

A esse propósito vos convidaria a reler com particular atenção o sonho de Dom Bosco sobre o “Congresso dos demônios” para destruir a Congregação⁽¹³⁾. Acharemos nele elementos que — aplicados à situação atual — dão que pensar.

Não é, porém, necessário esforço particular para nos persuadirmos de que, se formos todos unidos e unânimes em fazer obra construtiva, a Congregação superará com sucesso este momento de prova.

Repito: ninguém é inútil nesta obra de construção; há espaço e trabalho para todos. O Reitor-Mor e o seu Conselho, os Inspetores, os Diretores, é verdade, têm as responsabilidades mais graves. Mas bem pouco poderemos fazer sem a colaboração convicta e eficiente de cada irmão.

Para construir devemos estar unidos, trabalhar juntos, isto é, tirando “na mesma direção” o carro da Congregação. Isso implica que todos, de verdade e de coração, aceitemos o Capítulo Geral Especial todo inteiro e nas suas implicações, penetrando seu espírito e objetivos. Não são objetivos de evasão, com relação a todo o nosso passado, nem de permissividade que deforma e envenena a nossa Congregação, e nem sequer de um secularismo que só viria a estancar a fonte viva de toda a vocação salesiana.

O CGE, precisamente no espírito do nosso Pai, quis imprimir na Congregação uma dinâmica “sensível” aos tempos,

(13) *M B*, 17, 384-387.

que desse vigor à nossa consagração e tornasse fecunda a nossa missão.

O Ano Santo, o Centenário das nossas Missões, e de maneira mais concreta os Capítulos Inspetoriais deste ano e os próximos Encontros continentais com os Inspetores, são ocasião, diria providencial, para esse trabalho de saúde e vida para a Congregação.

É trabalho autêntico e corajoso de revisão do rumo que se tomou nestes anos, e ocasião para fazer com igual coragem e realidade eventuais correções, para crescer e caminhar para a frente.

As notícias que até agora nos chegaram dos Capítulos Inspetoriais abrem o coração à confiante esperança. Avante, pois, e sempre unidos, moços e não tão moços, nesta união de corações e intentos, que foi a preocupação constante do nosso Pai.

De resto, a visão da “civitas in se divisa”, com as conseqüências de dissolução e morte, nos estimula e adverte a nos tornarmos todos “cor unum et anima una”, obreiros convictos e eficientes da renovação na linha que nos foi traçada pelo CGE.

4. A alegria, sinal visível do otimismo

Caríssimos, até agora falei de esperança e otimismo, que inspira — é direito e dever que temos — a nossa ação e a nossa vida nestes tempos de prova.

Desse otimismo procurei pôr em evidência motivos sobrenaturais e também humanos, sem esconder, todavia, as realidades que nos rodeiam e premem.

Mas agora, a meu ver, a reflexão não seria completa se não dissesse uma palavra sobre o que me parece a manifestação natural, sensível e peculiar do nosso otimismo, vivido com sentido crítico e salesiano: quero dizer a alegria.

A alegria do cristão

O Padre Courtois num interessante opúsculo intitulado “O Bom Humor” afirmou: “Contrariamente a quanto o jan-

senismo conseguiu que se cresse, a alegria é uma virtude essencialmente cristã”. Por isso foi que Chesterton pôde dizer: “A alegria é o gigantesco segredo do Cristianismo”. Explica-o Claudel: “A alegria é a primeira e última palavra do Evangelho. O Anjo aparece a Maria para anunciar-lhe uma grande alegria, confirmada pelos Anjos que apareceram aos pastores; e a última palavra de Jesus durante a Ceia e antes da Ascensão é: ‘Para que a vossa alegria seja plena, e seja abundante a vida em vós’”.

Aliás Jesus faz o seu primeiro milagre, não para curar um doente, nem sequer para converter um pecador, mas simplesmente para que não ficasse perturbada a alegria de uma festa de família. E depois em quantas ocasiões Jesus, nas formas mais variadas, partilhou e consagrou a alegria! Ele que devia revolucionar o mundo com a sua doutrina e os seus exemplos, não condenou nenhuma alegria pura. Tanto é verdade isso que “vemo-lo no Evangelho tomar parte em tudo o que pode contribuir, mesmo só no campo da felicidade humana, ao desenvolvimento que a nossa natureza requer. Aprecia os espetáculos da natureza; admira as campânulas dos campos e a messe que loureja, o espetáculo dos fachos que iluminam Jerusalém durante a noite na festa dos Tabernáculos, a beleza tranqüila do lago de Genezaré; ama e procura as doçuras da família e santas amizades, não rejeita um manto para os dias de festa nem recusa tomar parte num banquete de núpcias” (14).

Comprende-se então toda a força dos desejos de Jesus tantas vezes repetidos aos seus: “Esteja em vós a minha alegria e seja perfeita” (15).

É, pois, natural que São Paulo, no meio de tantas provações, nas suas cartas aos irmãos repita com insistência comovente: “Alegrai-vos, alegrai-vos sempre: digo-vos ainda: alegrai-vos sempre” (16).

É preciso, nesse caso, deduzir que uma habitual atitude de tristeza é de todo anticristã. Essa contradição — que infelizmente não é infreqüente — fez Bernanos, voltando-se

(14) PLUS R., *Seminare la Gioia*, 104.

(15) Jo 15,11.

(16) Filp 4,4.

aos cristãos, censurá-los enérgica e claramente: “Onde é mesmo que escondéis a vossa alegria? Não se diria que, vendo-vos viver como viveis, vos tenha sido prometida a vós e somente a vós a alegria do Senhor”. censura ainda mais justa, se é verdade o que afirma Pascal: “Ninguém há que seja tão alegre como um *verdadeiro* cristão”.

Na realidade se trata precisamente disto: tem-se sempre uma carga de alegria irradiante quando se é verdadeiramente cristão, isto é, quando se vive intensamente o ensinamento e o exemplo de Jesus, mestre das Bem-Aventuranças e amigo de toda alegria sã.

A alegria do Salesiano

Ora, se tudo isso é válido para um cristão autêntico, quanto mais será para nós, Salesianos, filhos do Santo que pôs, no seu agir e em toda a sua ação educativa, a nota característica e construtiva da alegria.

Dom Bosco realmente “construía paredes luminosas” para os seus filhos. E quanto sofreu quando, em dado momento, deveu constatar que na sua casa, em vez da vida, do movimento, da alegria, em vez dos cantos, do sorriso, da algazarra alegre, da cordialidade e da familiaridade, “não se ouviam mais gritos de alegria e cantos, não se via mais o movimento e a vida, mas nos modos e no rosto de muitos jovens percebia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança. O meu coração entristeceu-se profundamente!”⁽¹⁷⁾.

A alegria é por certo elemento constitutivo do espírito e do estilo salesiano, com todos os importantíssimos valores que encerra. O ensinamento de Dom Bosco, o seu exemplo constante traduzido em milhares de realizações concretas, não deixam dúvida alguma. Não é o caso de dar exemplos. Cada um de nós pode documentar-se largamente em nossa rica literatura.

Apraz-me aqui recordar o substancioso e riquíssimo artigo 47 das Constituições renovadas: “Nada te perturbe!”, dizia muitas vezes Dom Bosco. O verdadeiro Salesiano não

(17) *Carta de Roma* de 1884.

perde o ânimo ante as dificuldades, porque tem plena confiança na Providência do Pai que o mandou. Inspirado no humanismo otimista de São Francisco de Sales, acredita nos recursos naturais e sobrenaturais do homem, sem mesmo lhe ignorar a fraqueza. Sabe colher os valores do mundo e evita lamentar-se do tempo em que vive; aproveita tudo o que é bom, especialmente se do agrado dos jovens.

Faz sua a exortação de São Paulo: “Estai sempre alegres”: é um testemunho que deve dar aos jovens. A sua alegria arraiga-se profundamente na esperança e na docilidade ao Espírito Santo: “O fruto do Espírito Santo é caridade, alegria, paz”.

Como vedes, neste artigo está condensado de modo feliz toda a riqueza do otimismo e da alegria do Salesiano: riqueza que alimenta, na forma original que herdamos do Pai, a vida do consagrado e do educador da fé, como é o Salesiano.

O nosso P. Aubry, no livro: “Una Via che Conduce all’Amore”, comenta admiravelmente e com eficácia persuasiva este artigo tão característico do nosso espírito.

Uma conclusão prática? Ei-la. O Salesiano, o verdadeiro Salesiano, é um disseminador da alegria: alegria autêntica, à maneira de Dom Bosco. Para sê-lo, é claro, deve antes de tudo possuí-la, deve alimentá-la na fonte, que em última análise é para nós a fé “à Dom Bosco”; a fé que transborda na caridade. Disseram, e com razão, que “no fundo a alegria é sempre fruto do verdadeiro amor”. Disseminar, por isso, a alegria, feita de serenidade e de bom humor, na compreensão, na colaboração, na co-participação cordial nas vicissitudes dos irmãos, deve fazer parte do nosso ser e da nossa missão.

E para conseguir isso há mil e uma maneiras, modestas mesmo: da argúcia ingênua ao chiste que traz serenidade em instantes de tensão, do atenuar uma crítica mordaz ao recordar a data festiva de um irmão. Integrar-se na comunidade e com delicadas atenções ajudá-la a crescer na caridade são contribuições que nem sempre se percebem, mas que são sempre eficazes e indispensáveis para criar um clima de serenidade a que todos aspiramos e de que temos fome. O coração humano é feito assim.

Esta necessidade de alegria é tanto mais sentida hoje, enquanto “a gente é muito menos alegre do que outrora...” A civilização, como a chamam, fez os homens muito sérios: organizações gigantescas, linhas de montagem, arranha-céus, estresse, atmosfera impessoal: tanta indiferença numa indiferença generalizada!”⁽¹⁸⁾.

Devemos reagir, carregando-nos de alegria autêntica, para dela nos tornarmos disseminadores eficientes, persuadidos de que — como afirma Romano Guardini, pensador que costuma pesar as palavras — “o sorriso é uma das supremas forças da alma humana”.

E nós, lembremo-nos bem, só pelo fato da nossa consagração, não deixamos certamente de ser homens do nosso tempo.

Abençoados, pois, os irmãos que em nossas comunidades se fazem — com o labor das pequenas atenções — disseminadores amáveis da alegria que redobra as energias da alma e (digamos ainda) faz bem até para a saúde. Prestam aos irmãos um serviço precioso, cujo alcance talvez nem sequer suspeitem.

Décimo primeiro mandamento: a alegria

Mas o Salesiano é consagrado para os outros, para os jovens antes de tudo, e de modo preferencial para aqueles aos quais a vida é menos sorridente. O Salesiano por vocação é, no sentido mais amplo e rico, educador. Ora educar, isto é, iluminar as inteligências para levá-las à verdade, e robustecer a vontade dos jovens para fazê-los amar com a verdade o bem, é ação delicada e difícil (especialmente hoje). Tem, todavia, um aliado tão insubstituível como eficiente precisamente na alegria.

Um pedagogo, Rechter, citado pelo P. Auffray, reproduz e sintetiza o que a alegria realiza na educação com imagem colorida e pitoresca. Diz: “Como os ovos dos passarinhos, como o filhote da rolinha, assim o menino a princípio não precisa senão de calor. O calor é a alegria, que

(18) THIELICKE M., *Il Sorriso dei Santi e dei Pazzerelli*, 74.

permite suas forças nascentes, como raios da aurora, cresçam e amadureçam; a alegria é o céu sob o qual tudo, menos o mal, deve ter incremento” (19).

E eis quanto diz de Dom Bosco sacerdote e educador o nosso P. Caviglia: “Dom Bosco era um santo de bom humor, e falar com ele enchia a alma de alegria. Alegria e serenidade eram para ele fator moral de primeira ordem e forma da sua pedagogia, a ponto de recomendar não se perdessem de vista os taciturnos e os mal-humorados. Por isso disse que em casa a alegria era o décimo primeiro mandamento”.

Dom Bosco exprime com extrema clareza os seus princípios pedagógicos e apresenta o seu projeto educativo com o seu estilo simples mas nem por isso menos rico de valioso conteúdo. É assim que expõe o seu plano aos jovens: “Eu vos ensinarei um modo de viverdes como bons cristãos e vos tornardes ao mesmo tempo alegres e contentes” (20).

E para esse “projeto” orienta e ordena toda a sua estratégia e tática educativa. Notai, de passagem, que Dom Bosco põe antes de tudo com extrema clareza a sua vontade de educar ao sentido cristão (hoje diríamos: evangelizar).

O P. Auffray observa ainda: “Dom Bosco quis que na vida das suas casas a alegria tivesse grandíssima parte, e a espalhou a mancheias no seu regulamento e dela embebeu por assim dizer todos os atos do dia. Sem descuidar a disciplina — que ele queria exata, mas não meticulosa, respeitada pelo aluno, mas não idolatrada pelo educador, familiar e nunca draconiana — quis Dom Bosco que a alegria fosse como que o eixo da ação no plano educativo dos seus filhos. E nunca se afastou desse princípio” (21).

Por isso o P. Caviglia no seu perfil de Dom Bosco podia afirmar: “Quem entra numa casa de Dom Bosco não pode deixar de ver logo que está no reino do contentamento e a nota dominante é a alegria, não só porque vê todos, meninos e mestres, brincarem juntos, mas porque eles mesmos, os

(19) em AUFFRAY A., *O Método Educativo de Dom Bosco*, 62.

(20) *Jovem Instruído*, Introdução.

(21) O. C., 58.

Salesianos, se mostram alegres e serenos”. E, falando de Valdocco, completa: “Também na igreja da casa de Dom Bosco (são mil e quatrocentos meninos!), nunca se faz função litúrgica, nem se vão rezar as orações (ele preferia se rezassem fora da igreja), sem antes cantar alguma loa. Queria o canto das Laudes e também a música litúrgica. Fazia ainda cantar nos recreios e em todas as festividades” (22).

Sejamos disseminadores da alegria verdadeira

Essas breves pinceladas mostram claramente o lugar que a alegria tem em nosso sistema educativo e são um convite a cada um de nós e às comunidades para um exame sincero. A nossa ação, o nosso trabalho, a nossa comunidade, em que medida tem as conotações, as notas características de alegria, serenidade, alegria sã, mas ao mesmo tempo cristã, evangélica, verdadeiramente salesiana?

Disse “sã”, porque não se pode confundir a alegria a que visa Dom Bosco (que é a cristãmente fecunda), com a alegria procurada, por exemplo, num ambiente saturado de distrações e divertimentos que deixam o coração do menino árido e às vezes também perturbado, a saber, de divertimentos que pretendem substituir, e que nem sempre são de boa liga, a verdadeira alegria.

Lembremo-nos de que a alegria que enche de verdade os corações, a alegria que prende o jovem à comunidade que o educou, a alegria que cria o clima para o desabrochar de uma vocação, depende da nossa íntima alegria pessoal, de vivermos com entusiasmo a nossa vocação. No fundo os jovens serão o reflexo do que somos, da nossa fé, da nossa dedicação sincera para o seu bem, da nossa caridade cristã: são essas as fontes que criam e alimentam o clima da alegria, como a entende Dom Bosco.

Queria convidar a cada um e às comunidades que fizessem uma revisão desse elemento, de modo algum secun-

(22) CAVIGLIA A., *Don Bosco*, 92.

dário, da nossa ação educativa, à luz dos exemplos e ensinamentos do nosso Pai e da nossa melhor tradição.

Dom Bosco, convém recordar, não só achava elementos sempre novos para as “paredes de sol” com que queria iluminados e aquecidos os seus meninos, mas fazia-os protagonistas, artesãos de inúmeros instrumentos de alegria... Lembro o teatro, a banda de música, os corais, a ginástica, etc.

E até lamento como em ambientes nossos tenham sido abandonados esses instrumentos de tão educativa alegria salesiana. Ao contrário, não poucas dessas atividades cheias de alegria, que por decênios foram a característica da nossa pedagogia — o teatro nas suas mais variadas formas, as músicas, as sessões acadêmicas — postas a um canto em nossos ambientes, foram recuperadas em formas inteligentemente atualizadas por outras organizações, por vezes até anticristãs, despertando interesse e alcançando êxito entre os jovens de hoje.

Certamente não se podem conservar mumificadas formas de outros tempos; mas uma coisa é renová-las e em certo sentido recriá-las (conservando o essencial) com inteligência e gosto, e outra, abandoná-las sem nada fazer para substituí-las, empobrecendo assim a nossa pedagogia.

Um ex-aluno, conhecedor refletido dos problemas juvenis, fazia-me notar que não são as sessões de cinema (às vezes até inoportunas e lamentáveis) dadas em algumas das nossas obras, não são as partidas de futebol ou de outros esportes em que os jovens tomam parte, as coisas capazes de criar o clima insubstituível de alegria, de simpatia, de familiaridade, que incide verdadeiramente no ânimo dos jovens. Eles, hoje mais que em outros tempos vítimas da angústia, da frustração, da violência, da incompreensão, têm maior necessidade do “carinho” salesiano. De um carinho que se concretize em presença amiga, em conversa construtiva, em iniciativas de colaboração (penso nas formas novas de associacionismo) para as atividades comuns: tudo isso leva à amizade fecunda, à confiança e ao trato íntimo, e cria o clima que constrói e faz crescer — também nos jovens destes nossos tempos difíceis — o homem e o cristão

Há alguém que caminha ao nosso lado

Caríssimos, parece-me que vos ofereci matéria suficiente para a vossa reflexão sobre valores que nestes momentos acho por demais interessantes e atuais. Vou terminar.

Quando com o Batismo entramos a fazer parte da Igreja, o sacerdote nos dirigiu uma saudação luminosa: “Que esta criança sirva o bom Deus na alegria”. Ao longo do caminho da vida esta saudação nos acompanha, a nós e a tantas almas de que somos responsáveis por um ou outro motivo. Mas o caminho é longo, às vezes se torna áspero, escuro. Nesses instantes a saudação batismal se ofusca e o desânimo ameaça surpreender-nos.

O pensamento que melhor nos pode salvar da tentação do desânimo é a garantia de que não estamos sozinhos. Estamos com Dom Bosco, estamos com legiões de Salesianos que nos precederam e nos acompanham ainda hoje pelos caminhos do mundo com a fé, a coragem e o otimismo do nosso Pai. Estamos principalmente com Quem está ao nosso lado vivo e poderoso.

Como no caso dos discípulos de Emaús, há sempre Alguém que caminha ao nosso lado e que nós não vemos; há Alguém que nos ama e partilha conosco lutas, sofrimentos e penas. Ele pode ser nossa força e nossa alegria, como o foi para os dois discípulos, na espera de ser o nosso prêmio.

Quando sentirmos se insinua em nosso coração uma sensação de angústia, de dúvida ou de tristeza, abracemo-lo com afetuosa confiança e digamos-lhe: “Fica conosco, Senhor Jesus, porque de outro modo cairá a noite em minha alma”.

E digamos unindo a nossa voz à da Auxiliadora, Mãe da Igreja e da Congregação e Esperança nossa.

P. LUÍS RICCERI
Reitor-Mor

II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

1. Abertura do Centenário das Missões Salesianas

O Reitor Mor, no dia 27 de fevereiro de 1975, enviou aos Inspectores uma carta contendo diversas informações sobre a abertura do "Centenário das Missões Salesianas", e sobre a maneira de celebrá-la no próximo dia 11 de novembro. Eis o texto da carta:

Caro Inspetor,

nos próximos dias o Sr. receberá um pequeno documentário com a finalidade de apresentar subsídios práticos para os vários setores da nossa Família celebrarem frutuosa e dignamente o *Centenário* das nossas Missões. Estou certo de que dará toda a atenção a esse caderno de documentação, a começar pela carta de apresentação escrita pelo Reitor-Mor.

Já no n.º 276 dos Atos do Conselho Superior, do mês de outubro de 1974, antecipou-se alguma coisa acerca de iniciativas de interesse geral. Dentro em breve espero que possamos comunicar o calendário exato de tais iniciativas e outras informações oportunas.

Por ora creio conveniente comunicar-lhe com bastante antecedência o seguinte:

Na terça-feira, 11 de novembro de 1975, como é sabido, ocorre exatamente o CENTENÁRIO da partida do primeiro grupo dos nossos missionários, da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora.

Queremos que em toda a Congregação aquele dia seja dedicado à oração, à reflexão, à evocação daquele momento que, na palavra do P. Céria, abria uma nova história para a Congregação.

Não se trata de organizar naquele dia manifestações exteriores e coisas semelhantes. Far-se-á isso noutra ocasião, em colaboração com toda a Família Salesiana, e no documentário o Sr. encontrará muitas sugestões úteis nesse sentido.

No dia 11 de novembro, as nossas comunidades, *preparadas em tempo e devidamente*, deverão reviver aquele dia histórico diante de Jesus, no recolhimento, e relendo as páginas que descrevem aqueles momentos que davam início à aventura missionária da Congregação. Poderão ser utilizadas as Memórias Biográficas, vol. XI (1875); os

“Annali”, vol. I, cap. 38; o volume comemorativo que sairá do prelo nos próximos meses em várias línguas, e outro material apropriado.

Numa palavra, naquele dia encontrar-nos-emos todos unidos no ato de reviver espiritualmente o grande acontecimento, na ação de graças ao Senhor por tudo o que se pôde fazer nestes anos com a sua ajuda, e na renovação do nosso compromisso missionário, que se tornou ainda mais urgente por causa das novas situações.

Penso que poderá ser útil para isso reler a carta recente do Reitor Mor sobre o CENTENÁRIO DAS MISSÕES.

Entrego, pois, à sua sensibilidade pessoal e à do seu Conselho a tarefa de fazer o programa desse dia, em tempo, e nas formas que forem mais oportunas. Mas insisto sobre o caráter eminentemente espiritual que ele deve ter em todas e cada uma de nossas comunidades.

Muito lhe agradecerei se o Sr. me informar oportunamente sobre o que se planejou e sobre o que se realizou.

Nos próximos Atos do Conselho Superior — de abril-junho de 1975 — o Sr. receberá outras comunicações sobre o Centenário. Posso, no entanto, antecipar que em Turim, depois do dia de oração (11 de novembro), haverá, na 5.ª feira, 13 de novembro, a Comemoração civil; e no domingo, 16 de novembro, na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, a solene concelebração televisada, com a entrega dos Crucifixos aos NOVOS MISSIONÁRIOS.

Nosso Senhor nos ajude para que essas celebrações sejam apostolicamente frutuosas.

As mais afetuosas saudações ao Sr. e aos seus colaboradores e irmãos. Uma oração “ad invicem”.

P. LUÍS RICCERI

2. Os interstícios para as Sagradas Ordenações

O Secretário Geral chama a atenção dos senhores Inspectores sobre o que prescrevem os Documentos da Santa Sé sobre os interstícios que se devem observar entre a colação do Ministério do Leitor e a do Acólito, e entre a colação do Ministério do Acólito e a Ordenação Diaconal.

Sobre isso, leiam-se:

Acta Apostolicae Sedis (1972) pág. 533 e 539;

Atos do Conselho Superior, n.º 268 (outubro 1972) pág. 42 e 48.

III. COMUNICAÇÕES

1. Jubileu de Ouro Sacerdotal do Reitor Mor

O Sr. P. Caetano Scervo, Vigário do Reitor Mor, em carta datada do dia 10 de fevereiro de 1975, comunicou aos Inspetores algumas propostas e iniciativas para comemorar esta ocorrência feliz.

Caro Padre Inspetor,

desejo, também em nome dos outros Superiores do Conselho, chamar sua atenção para uma circunstância feliz deste ano de 1975, que se acrescenta às celebrações do Ano Santo e do Centenário das nossas Missões: neste ano o nosso querido Reitor Mor festeja o Quinquagésimo Aniversário de sua Ordenação Sacerdotal (ele ordenou-se na igreja de São Gregório de Catânia no dia 19 de setembro de 1925).

Apresenta-se assim para nós todos uma ocasião concreta e agradável para nos estreitarmos espiritualmente ao redor de quem, como sucessor de Dom Bosco, é Pai e centro de unidade para a Família Salesiana inteira.

Estou certo de que haveremos de viver esta ocorrência com espírito de fé e com sensibilidade salesiana. Por isso tomo a liberdade de sugerir formas concretas para nos associarmos todos ao Jubileu Sacerdotal do nosso Reitor Mor.

1. Creio que em primeiro lugar desejaremos garantir ao Sr. P. Ricceri que poderá contar com a nossa participação jubilosa e filial na Liturgia de louvor e ação de graças ao Senhor, que ele celebrará naquela ocasião. Nós também sentimos a necessidade de agradecer a Deus Nosso Pai por ter dado, no P. Ricceri, um presente excepcional a toda a Família Salesiana. Pediremos a Deus que o assista sempre em seu serviço de unidade, animação e renovação, que o Senhor mesmo lhe confiou.

2. Outra maneira muito positiva de participarmos do Jubileu Sacerdotal do nosso Reitor Mor, será o *empenho com que soubermos responder à sua solicitude pastoral* para a atuação da missão confiada pelo Espírito Santo à nossa Família.

Estou certo de que interpreto o pensamento e o desejo do Reitor Mor indicando como ponto de aplicação desse nosso empenho, no momento atual, o conteúdo da *“Estréia de 1975”: conversão a Deus, reconciliação com os irmãos, evangelização.*

Em suas palavras e escritos apresentou-nos ele tais valores, com riqueza de doutrina, com referências oportunas à pessoa e ao espírito de Dom Bosco, com orientações práticas e atuais. Uma plena adesão de inteligência, de coração e de obras, será o presente mais agradável que nossa Família lhe poderá oferecer.

3. A essas duas formas de participação daremos uma expressão visível em Roma, em nome da Família Salesiana do mundo inteiro, em duas ocasiões:

— no dia 8 de abril, no encerramento do Encontro do Conselho Superior com os Inspectores da Europa, dos Estados Unidos, da Austrália e do Zaire, e na vigília do Capítulo Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, reunir-nos-emos em torno do Reitor Mor no Instituto “Dom Bosco” de Roma, para um sarau de homenagem e augúrio;

— no dia 19 de setembro, o Reitor Mor celebrará a Missa Jubilar na Basílica do Sagrado Coração: será um “encontro marcado” espiritual para todos os que nos sentimos ligados de algum modo à missão salesiana na Igreja e no mundo.

Entrego ao Sr. a agradável incumbência de comunicar aos irmãos da Inspeção a notícia do Jubileu. De minha parte, e da parte dos demais Superiores do Conselho, aceite a saudação e a promessa de uma lembrança fraternal diante do Altar, pelo Sr. e por toda a Comunidade Inspeccional.

Com todo o afeto,

(assinado:) P. CAETANO SCRIVO.

2. Notas sobre a aplicação da reforma litúrgica

Toda reforma, mesmo que seja somente de estrutura, traz consigo, quase necessariamente, tensões com oscilações para um e outro extremo, que, com o tempo (e a boa vontade de todos!), compõem-se, chegando a um equilíbrio estável, como acontece no movimento do pêndulo.

Quanto à reforma litúrgica, iniciada por Pio XII e assumida plenamente, em seus conteúdos e formas pelo recente

Concílio, embora não se trate somente de estruturas, no entanto elas constituem a área em que hoje mais se revelam tensões que vão de um extremo ao outro, desde o imobilismo mais acritico até a mais esquisita e caprichosa procura da novidade pela novidade.

Atualmente o campo mais atingido é o da celebração da Missa e o da administração dos Sacramentos, principalmente a Confissão e a Comunhão.

Deixando de lado exemplos de situações conhecidas por todos, parece mais útil indicar alguns documentos oficiais sobre o assunto. São os seguintes:

A. CELEBRAÇÃO DA MISSA

1. Que Missa celebrar

Verifica-se o fato de que alguns não aceitaram o Novo Missal Romano. Sobre isso uma Notificação da Sagrada Congregação para o Culto Divino, datada de 28 de outubro de 1974, dizia:

(cf. Notitiae n.º 99 (novembro 1974) p. 353)

“Tratando-se do Missal Romano, quando uma Conferência Episcopal decide que em seu território deve ser adotado o Missal Romano na língua do país, ou mesmo somente uma parte do mesmo (por exemplo, o *Ordinário da Missa*), a partir daquele momento a Missa não pode mais ser celebrada — nem em latim, nem em vernáculo — a não ser de acordo com o Missal Romano promulgado por autoridade de Paulo VI no dia 3 de abril de 1969.

Esta Sagrada Congregação estabeleceu algumas normas em favor dos padres que, por causa da idade ou de doença, sentem grave dificuldade em seguir o novo *Ordo* do Missal ou o Lecionário da Missa. De acordo com tais normas, é claro que o Ordinário pode autorizar estes padres a conservar total ou parcialmente o Missal Romano segundo a edição típica de 1962 com as modificações decretadas em 1965 e em 1967, mas somente para a celebração da Missa *sem povo*. Os Ordinários não podem, portanto, conceder esta autorização para as Missas celebradas *com povo*.

Os Ordinários de lugar e os Ordinários religiosos devem ao invés vigiar a fim de que o *Ordinário da Missa* do Novo Missal Romano seja aceito como se deve por todos os padres e fiéis do rito romano, ficando excetuados os ritos litúrgicos não romanos legitimamente reconhecidos pela Igreja, sem darem valor a pretextos aduzidos em nome de costumes sejam quais forem, mesmo se imemorais. Cuidem também que este *Ordinário da Missa* seja objeto de maior zelo e devoção, a fim de que se descubram os tesouros da Palavra de Deus e da doutrina litúrgica e pastoral nele contidos”.

Sobre a liberdade excessiva de escolha e de adaptação das fórmulas litúrgicas mesmo sacramentais (por exemplo, as orações eucarísticas da Missa), a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, numa Declaração publicada pelo Osservatore Romano de 30 de outubro de 1974, esclarecia o seguinte:

“A reforma litúrgica, atuada de acordo com a Constituição do Concílio Vaticano II, introduziu algumas modificações também nas fórmulas que atingem a própria essência dos ritos sacramentais. Estas novas expressões, como outras, tiveram que ser traduzidas nas línguas modernas de tal modo que transmitissem o sentido original, segundo as características próprias de cada língua. Surgiram daí algumas dificuldades que se evidenciam agora, quando tais versões são apresentadas pelas Conferências Episcopais à Santa Sé para serem aprovadas. Nessa situação, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé lembra novamente a necessidade de que a tradução das fórmulas essenciais nos ritos dos Sacramentos transmita fielmente o sentido original do texto típico latino. Tendo isto presente, a mesma Sagrada Congregação declara: “A Sé Apostólica, depois de examinar a tradução proposta da fórmula sacramental em língua moderna, quando julgar que ela exprime exatamente o sentido entendido pela Igreja, aprova-a e confirma-a, estabelecendo também que o sentido da mesma deve ser entendido de acordo com a mente da Igreja expressa pelo texto latino original”.

2. ‘Celebrar com decoro’

Com essas palavras, Dom Anibal Bugnini, Secretário da Sagrada Congregação para o Culto Divino, escrevendo no órgão oficial da mesma Congregação (Notitiae, n.º 97 (se-

tembro 1974) p. 306s), *interveio para tratar de certos abusos acerca das vestes litúrgicas para a celebração do sacramento eucarístico*:

“De diversas proveniências, vêm chegando a Roma mensagens com a pergunta: é lícito ao sacerdote celebrar a Missa sem estar revestido dos paramentos sagrados, ou então só com a estola sobre a batina ou o hábito civil?

Os motivos destas consultas são, ordinariamente, de ordem prática: referem-se, em particular, a casos de deslocções, de peregrinações, de excursões, de acampamentos; mas não faltam, igualmente, motivos de outro gênero, como o de uma adaptação maior ao ambiente quando, por exemplo, os Capelães de fábricas celebram com o *uniforme de trabalho* nas instalações das próprias fábricas ou quando se celebra entre os jovens alpinistas, com traje de guia.

Pergunta-se o que é que pensa a Sagrada Congregação para o Culto Divino sobre este ponto.

A resposta, nem difícil, nem estranha, não pode deixar de ater-se àquilo que se encontra estabelecido nas normas emanadas durante estes anos de renovação litúrgica.

Antes de tudo, a *Instrução Geral do Missal Romano*, que diz, no número 297: “A diversidade dos ministérios na realização do sagrado culto manifesta-se externamente com a diversidade das vestes sagradas as quais, por conseguinte, devem ser sinal da função própria de cada ministério. Por isso, é conveniente que essas vestes contribuam também para o decoro da ação sagrada”. E no número seguinte, 298: “A veste comum a todos os ministros de qualquer grau é a alva”; e no número 299: “A veste própria do sacerdote celebrante, na Missa e nas restantes ações sagradas diretamente relacionadas com ela, é a casula ou planeta”.

Estas disposições, que são eco da tradição, e a renovam nos pormenores, praticamente formam a base das normas contidas nos outros documentos que se referem a esta matéria.

Por exemplo, a *Instrução sobre as Santas Missas para Grupos Particulares* (n.º 11,b) faz simplesmente uma chamada para o texto do Missal que referimos. O mesmo texto é citado na Terceira Instrução (n.º 8,c), a qual, por sua vez, acrescenta:

“Reprova-se o abuso de concelebrar ou celebrar colocando só a estola sobre o hábito monástico (cógula), o hábito talar ou o hábito

civil. E não é lícito realizar outras ações sagradas, como impor as mãos nas Ordenações, ou administrar os sacramentos, ou dar as bênçãos, colocando unicamente a estola sobre o hábito civil”.

A Sagrada Congregação para o Culto Divino não derogou *nunca* esta norma, nem tenciona derogá-la, quer nas disposições de caráter geral, quer nos indultos particulares.

E o motivo é simples. É o motivo indicado pela Instrução geral: a distinção da Ordem, o decoro da ação sagrada, a nítida separação entre o sagrado e o profano. A comunidade deseja ser respeitada, quer apreender, mesmo através dos sentidos, o significado dos ritos, e, assim, inserir-se no mistério.

Uma única atenuante foi introduzida, para facilitar o uso dos paramentos sagrados em casos de deslocções e de viagens: a “casula sine alba”. Trata-se de uma perfeita casula, fechada em toda a volta, comprida até chegar junto dos calcanhars, e sobre a qual, do lado exterior, se coloca a estola. Neste caso é possível deixar de usar a alva. A casula pode ser sempre da mesma cor, ao passo que a estola, facilmente substituível, pode indicar a cor (litúrgica) do dia respectivo. Este indumento sagrado, bem dobrado, facilmente se pode acomodar numa pequena bolsa. Mas o seu uso é limitado aos casos de necessidade, e deve ser autorizado a pedido da Conferência Episcopal dos respectivos países. Aliás, há normas precisas que o regulam (cfr. “Notitiae”, 81, 1973, pp. 96 e ss).”

B — ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS (Comunhão)

O mesmo D. Anibal Bugnini, Secretário da Sagrada Congregação para o Culto Divino, com as iniciais “ab”, assina uma Nota em tipo cursivo no periódico Notitiae n.º 97 (setembro 1974) p. 308, sobre a “distribuição” da santa Comunhão, seja sob a espécie de pão, seja, durante a Missa, sob as duas espécies:

“Cá e acolá entrou o costume de o comungante tomar diretamente, com a própria mão, da âmbula ou da patena, a partícula consagrada, e do altar o cálice com o Preciosíssimo Sangue, como faz o padre celebrante e como faz o ministro que, por mandato do Ordinário, distribui a Comunhão e no fim se comunga diretamente.

É permitida essa espécie de “self-service”? Absolutamente! O gesto realizado por Nosso Senhor na instituição da Eucaristia é expresso de maneira mais conveniente e digna quando o pão consagrado *realmente é dado* ao fiel (cf. Mt 26,26s; Mc 14,22s; Lc 22,19s).

Por isso, no rito “*De Sacra Communionem et de Cultu Mysterii Eucharistici extra Missam*” (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) n. 21, quarta linha, diz-se assim: “A santa Comunhão deve ser *distribuída* pelo ministro competente, o qual mostra e *oferece* ao comungante a partícula do pão consagrado”.

A santa Igreja preferiu multiplicar os ministros extraordinários da santa Comunhão, homens e senhoras, do que tolerar que fosse diminuído o sentido do gesto bíblico...

Portanto, não foi concedida nem será concedida no futuro nenhuma licença de tomar diretamente o pão consagrado. Se aqui e ali este costume entrou, deve ser eliminado, com oportuna catequese ou, se for necessário, com a intervenção da autoridade local”.

3. Solidariedade fraterna (15a. relação)

A) INSPETORIAS DONDE PROVIERAM OFERTAS

ITÁLIA

| | | |
|----------------------|-------|-----------|
| Central | Liras | 3.000.000 |
| Meridional | | 1.398.000 |
| Novarense | | 5.000.000 |
| Vêneta de São Marcos | | 950.000 |

ESPAÑHA

| | | |
|-----------|--|-----------|
| Barcelona | | 1.771.000 |
| Bilbao | | 745.000 |
| Madri | | 1.000.000 |

HUNGRIA

15.000

AMÉRICA

| | | |
|------------------------|--|-----------|
| Argentina, Córdoba | | 700.000 |
| Argentina, Baía Blanca | | 1.064.000 |

| | |
|--|------------|
| Brasil, Belo Horizonte | 1.560.312 |
| América Central | 585.000 |
| Estados Unidos, Leste | 504.560 |
| ÁSIA | |
| Índia, Calcutá | 100.000 |
| Índia, Gauhati | 50.000 |
| Coréia | 680.000 |
| Vietnã | 500.000 |
| ANTECIPAÇÃO DO DEPARTAMENTO DAS MISSÕES | 550.000 |
| <hr/> | |
| <i>Total das ofertas que chegaram entre</i> <i>12 de setembro de 1974 e 10 de março de 1975</i> | 20.173.672 |
| <i>Saldo caixa anterior</i> | 32.499 |
| <hr/> | |
| <i>Disponível no dia 10 de março de 1975</i> | 20.206.171 |
| <hr/> <hr/> | |
| B) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS | |
| EUROPA | |
| Itália, Lombardo-Emiliana: para os encarcerados | 200.000 |
| Itália, Óstia: à comunidade FMA, para os pobres | 500.000 |
| Iugoslávia, Zagreb: da Inspetoria Novarense | 600.000 |
| AMÉRICA | |
| Antilhas, Haiti: para as escolas de alfabetização | 500.000 |
| Bolívia, Santa Cruz: para o Centro Juvenil | 1.035.000 |
| América Central, San Salvador: para o Oratório "Don Ricaldone" | 1.000.000 |
| Chile, La Serena: para material catequético | 300.000 |
| Colômbia, Bogotá: para a Obra Meninos da rua | 500.000 |
| Colômbia, Medellín: para a Obra Social dos Ex-Alunos | 500.000 |
| Uruguai, para o Inspetor, de Baía Blanca | 532.000 |
| ÁSIA | |
| Filipinas, Cebu: para o Centro Social de Pasil | 500.000 |
| Filipinas, Manilha-Joriz: para obras de promoção social | 1.000.000 |

| | |
|---|------------|
| Filipinas, Manilha-Tondo: para os filhos dos favelados | 500.000 |
| Hong-Kong, Macau: para o leprosário de Coloane | 500.000 |
| Hong Kong, Taiwan: para a boa imprensa | 500.000 |
| Índia, Calcutá: para o novo aspirantado de Ranchi | 1.000.000 |
| Índia, Gauhati: para a missão do P. Vanni | 500.000 |
| Índia, Gauhati: para um poço e a irrigação em Golaghat | 2.000.000 |
| Índia, Gauhati: quatro casas pequenas para os pobres | 2.000.000 |
| Índia, Madrasta: para a manutenção dos órfãos de Nilgiris | 1.000.000 |
| Índia, Madrasta: poços para três aldeias em Chingleput | 1.500.000 |
| Oriente Médio, Egito: para os meninos pobres do Oratório do Cairo | 500.000 |
| Oriente Médio, Nazaré: para jovens pobres árabes | 500.000 |
| Tailândia, Surat Thani: para o aumento da igreja | 1.500.000 |
| Vietnã: para as casas de formação | 1.000.000 |
| <i>Total das quantias distribuídas entre o dia 12 de setembro de 1974 e 10 de março de 1975</i> | 20.167.000 |
| <i>Saldo em caixa</i> | 39.171 |
| <i>Total em liras</i> | 20.206.171 |

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL

| | |
|--|-------------|
| <i>Quantias que chegaram até 10 de março de 1975</i> | 301.491.040 |
| <i>Quantias distribuídas até a mesma data</i> | 301.451.869 |
| <i>Saldo caixa atual</i> | 39.171 |

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

1. A primeira série de reuniões do Conselho em 1975

De 15 de janeiro a 15 de abril todos os Superiores do Conselho encontram-se na sede, com uma agenda repleta de problemas a serem estudados.

Damos aqui um aceno sobre os empenhos principais desta temporada.

a) Exame dos Capítulos Inspetoriais de 1975

O exame dos Capítulos Inspetoriais de 1975 (CI-75) tem duas finalidades principais: em primeiro lugar a aprovação — de acordo com o art. 178 das Constituições — das novas deliberações que por ventura os CI-75 tenham tomado; e em segundo lugar o estudo atencioso das avaliações feitas pelos CI-75 sobre a situação das Inspetorias, especialmente no que se refere à atuação das deliberações e diretrizes dos anteriores Capítulos Inspetoriais Especiais.

b) A preparação dos Encontros Continentais

O Reitor Mor e outros Superiores do Conselho dever-se-ão encontrar com os Inspectores e Delegados das várias Regiões, para verificarem o ponto em que estamos quanto à atuação do CGE (cf. CGE 761,12).

Para esta finalidade os Conselheiros Regionais prepararam um relatório-síntese, cada um sobre o respectivo Grupo Regional. O Relatório do Reitor Mor apresenta uma vista panorâmica geral e delinea as pistas para procura e discussão durante os Encontros, tendo como base os relatórios dos Regionais e as contribuições de estudo dos diversos Dicastérios.

c) Os relatórios sobre as Visitas extraordinárias

Foram apresentados e discutidos em Conselho também os relatórios dos Superiores sobre as visitas extraordinárias às Inspetorias de Espanha-Barcelona, Bélgica do Norte, Chile, Filipinas, França do Norte, Índia-Gauhati, Ligúria, Uruguai, Argentina-Rosário.

Discutiu-se também o relatório sobre a Universidade Pontifícia Salesiana, apresentado pelo P. Viganó.

d) Os Diretórios sobre a Formação

Mereceu atenção especial a discussão dos critérios para o estudo dos Diretórios sobre a formação que chegaram ao Dicastério competente. Tais critérios, apresentados em breve documento, servirão para as comissões locais traçarem o próprio Diretório.

e) Nomeação de 15 novos Inspetores

Foi feita uma análise cuidadosa dos dados fornecidos pelas consultas realizadas para a nomeação de 15 novos Inspetores, que deverá definir-se antes do encerramento desta sessão de trabalho.

f) Problemas de ordem geral

Resta ainda uma inteira série de problemas de ordem geral, que esperam sua vez para serem inseridos na ordem do dia das reuniões do Conselho; daremos notícia deles no próximo número dos ACS.

2. O Dicastério da Formação Salesiana

a) Visita canônica à Universidade Pontifícia Salesiana

Nos meses passados o Conselheiro para a Formação Salesiana, P. Egidio Viganó, realizou a visita canônica à UPS, no período de 9 de dezembro a 31 de janeiro.

b) *O Simpósio Europeu sobre os Exercícios Espirituais*

Na Casa Generalícia realizou-se de 25 de janeiro a 1.º de fevereiro o "Simpósio Europeu sobre a Renovação dos Exercícios Espirituais para Salesianos". Participaram ativamente 130 pessoas, entre Salesianos — também não europeus — e Filhas de Maria Auxilladora.

O Simpósio, articulado em relações especializadas e grupos de estudo, teve como alma uma vida litúrgica intensa e uma fraternidade salesiana muito cordial.

c) *Os Cursos de Formação Permanente*

O 3.º Curso de Formação Permanente concluiu-se na metade de fevereiro, com grande satisfação dos participantes (que já voltaram às próprias Inspetorias).

Prepara-se agora o 4.º Curso, reservado desta vez para Salesianos missionários (cf. abaixo, no n.º 5 desta rubrica).

d) *Rumo ao Encontro Mundial sobre o Salesiano Coadjutor*

No dia 1.º de março, na Casa Generalícia, reuniu-se a *Comissão Central* a fim de encaminhar a última fase de preparação do Encontro. Os assuntos foram os seguintes:

— a revisão e aprovação definitiva dos instrumentos de organização que haviam sido esboçados anteriormente;

— o exame dos documentos e outro material a serem enviados aos Delegados; normas de apresentação;

— a definição dos encargos para as diversas atividades previstas;

— a coordenação de iniciativas colaterais, como a realização de uma filminha-tipo que serviria de auxílio para propor a vocação salesiana, e a animação de uma Missa a ser transmitida por televisão no domingo, 7 de setembro, no encerramento do Encontro, como contribuição para as celebrações do Centenário das Missões Salesianas.

No dia 2 de março participaram da reunião também os *Relatores dos temas* do Encontro; estavam ainda presentes, com o Conselheiro para a Formação Salesiana, outros Salesianos na qualidade de consultores.

Fez-se nesta reunião a revisão final dos esquemas das Relações a serem enviados aos Delegados.

Os esquemas definitivos, completados com as observações feitas na reunião, e traduzidos nas línguas principais, serão enviados aos Delegados junto com as “Sínteses dos Encontros Inspetoriais e Regionais”, a fim de que os mesmos Delegados possam encaminhar a própria preparação sobre os diversos assuntos.

O texto integral das Relações será entregue aos Delegados somente no início do mesmo Encontro.

Aviso importante para os Delegados ao Encontro Mundial. Para ter condições de um serviço eficiente, a Comissão Central precisa conhecer as exigências, especialmente as exigências de língua, de cada um dos Delegados; por isso convida insistentemente a todos a que respondam com presteza à “ficha-inquérito” que em breve lhes será enviada.

3. O Dicastério para a Pastoral Juvenil

a) O aspirantado e problema vocacional

Este Dicastério elaborou um primeiro esboço de um “Subsídio para a reflexão” sobre a natureza, as finalidades e a estruturação educativa e pastoral da primeira fase do cultivo das vocações, principalmente no aspirantado.

O documento foi enviado no fim do mês de fevereiro a um certo número de Salesianos que poderiam dar sugestões úteis. Até a meta-de de março tinham chegado somente duas contribuições.

Nos dias 10 a 12 de março, reuniu-se em Roma (Casa Generalícia) a “Consulta Internacional” para estudar aquele documento: a ajuda foi bastante válida e o documento saiu muito enriquecido. Tomaram parte irmãos pertencentes a várias nações e continentes: Argentina-Córdova, Austrália, Bélgica do Sul, Colômbia, Índia-Bombaim, Grã-Bretanha, Irlanda, Itália-Roma, Peru, Portugal, Espanha, Uruguai, Estados Unidos do Leste.

O documento assim reelaborado ainda será estudado nas próximas reuniões de Diretores de aspirantado, para tornar-se um instrumento útil para a reflexão e para a ação.

b) Os Centros Juvenis

Um documento de estudo sobre os Centro Juvenis já está pronto para começar o seu itinerário de reelaboração, em vista de uma aplicação eficaz.

c) Comunidades educativas e colaboradores leigos

Chegou a este Dicastério boa quantidade de informações sobre o que se faz nas diversas Inspetorias para ajudar os nossos colaboradores leigos em sua formação pedagógica e salesiana, para poderem constituir conosco uma comunidade educativa verdadeira e eficiente.

Proximamente haverá uma reunião de peritos que procurará colher desse material indicações e perspectivas que ajudem a dar pistas para uma ação eficaz nesse setor.

4. O Dicastério para a Pastoral de Adultos

a) Os Ex-Alunos preparam dois congressos importantes

Nos dias 25 e 26 de janeiro, o Conselheiro para a Pastoral de Adultos, P. João Raineri, presidiu em Bruxelas duas reuniões de organização.

A primeira era a dos Presidentes nacionais dos Ex-Alunos da Europa, e tinha por escopo deixar pronto o programa do Congresso Europeu, que será em Louvaina do dia 11 ao dia 14 de setembro de 1975, e terá como tema: "Os Ex-Alunos Salesianos e a unidade européia".

A segunda reunião foi a da Junta Confederal dos Ex-Alunos. Traçou dos temas do Centenário das Missões e do Congresso Euro-Asiático dos Ex-Alunos, que está previsto para 1976.

b) A Comissão Mundial dos Cooperadores

Com carta do dia 11 de fevereiro de 1975, o Reitor Mor nomeou as seguintes pessoas para fazerem parte da "Comissão Mundial Provisória dos Cooperadores Salesianos":

P. João Raineri, Conselheiro Superior para a Pastoral de Adultos,
Madre Letícia Galletti, Conselheira Superior das FMA,

P. Mário Cogliandro, Secretário Geral para os Cooperadores,

P. Armando Buttarelli, Delegado Nacional para os Cooperadores
para a Itália,

Ir. Maria Rampini, Encarregada Central das FMA para os Coope-
radores,

Da. Joana Albert, Conselheira Nacional dos Cooperadores para a
Itália,

Dr. Luís Sarcheletti, Conselheiro Nacional para a Itália,

Prof. Agostinho Lazzara, Conselheiro Nacional para a Itália,

Sr. Amadeu Clará, Conselheiro Nacional para a Espanha,

Sr. Antônio Garcia Vera, Conselheiro Nacional para a Espanha,

Sr. José Bruno Teixeira, Conselheiro Nacional para Portugal,

Sr. Benjamim Turiano, Conselheiro Nacional para as Filipinas,

Dra. Enid Roberts, Conselheira Nacional para Madrastra,

Da. Teresa Paolini, Conselheira local dos Cooperadores para Roma,

Prof. P. Mário Midali, Perito (da Universidade Pontifícia Sale-
siana).

Prevê-se para daqui a algum tempo a nomeação de alguns outros
membros da Comissão Mundial, e, no interior da Comissão, a nomea-
ção de um “grupo de trabalho”.

Nos dias 1 e 2 de março, o Reitor Mor inaugurou a primeira reu-
nião da Comissão Mundial. Foram estudados estes assuntos:

- funções da mesma Comissão de acordo com o novo Regula-
mento;
- esboço definitivo do Manual para Dirigentes;
- Congresso Mundial dos Cooperadores por ocasião do Centená-
rio do Regulamento escrito por Dom Bosco (1876-1976);
- Centenário das Missões Salesianas;
- Congresso dos Jovens Cooperadores da Europa.

c) *Um Manual para Dirigentes dos Cooperadores*

No dia 28 de fevereiro um grupo de peritos fez a revisão do esboço do novo Manual para Dirigentes dos Cooperadores Salesianos.

5. O Dicastério das Missões

a) *A 104.ª Expedição Missionária*

Os Salesianos que partiram na 104.ª Expedição Missionária (e não 103.ª, como erradamente foi indicado no número anterior dos ACS, na página 31), relativa ao ano de 1974, foram ao todo 55, dos quais 30 padres, 10 coadjutores e 15 clérigos.

Segundo a nacionalidade, eles provêm de 11 países: 21 da Itália, 12 da Espanha, 9 da Polónia, 3 respectivamente da Índia e da Irlanda, 2 das Filipinas, 1 respectivamente da Grã-Bretanha, do Brasil, da Iugoslávia, do Paraguai e dos Estados Unidos.

Segundo a Inspeção de origem, estão assim distribuídos:

6 provêm da Inspeção polonesa de Lodz,

5 respectivamente da Lombardia, Vêneto de Verona, e Espanha-Madri,

3 da Irlandesa, Vêneto de São Marcos, Espanha-Bilbao,

2 das Filipinas, Índia-Bombaim, Subalpina, Espanha-León,

1 do Brasil-Belo Horizonte, Índia-Calcutá, Inglesa, Lígure, Meridional, Paraguai, Espanha-Córdova, Espanha-Barcelona, Estados Unidos do Leste, Iugoslávia.

Segundo a destinação: 26 foram para a América Latina (Antilhas, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Paraguai, Venezuela); 16 foram para a Ásia (Filipinas, Japão, Hong Kong, Índia, Oriente Médio, Tailândia); 13 foram para a África (África Central, Argélia, Guiné, Moçambique, África do Sul).

b) *O Concurso para o "Cartaz do Centenário"*

Por ocasião da celebração do Centenário das Missões Salesianas, entre outras iniciativas, as Direções Gerais dos Salesianos e das Filhas

de Maria Auxiliadora promoveram um “Concurso Internacional CMS 76” para o Cartaz oficial comemorativo, e confiaram sua realização aos respectivos Departamentos para as Comunicações Sociais.

Como indicava o Regulamento do Concurso, o Cartaz destinava-se a promover uma reflexão sobre a realidade atual das Missões Salesianas no mundo, exprimindo de maneira figurativa os valores humanocristãos da obra missionária, cujo centenário de atividade evangelizadora e social anuncia e celebra.

A participação ao Concurso estava aberta para os Artistas, de qualquer parte do mundo, que desejassem homenagear Dom Bosco e seus missionários. Estava articulado em duas fases — inspetorial e internacional — e teve o seu encerramento em Roma no dia 31 de janeiro de 1975, com a apresentação de 37 obras originais, das quais 23 provinham das Inspetorias das Filhas de Maria Auxiliadora e 14 das Inspetorias dos Salesianos.

No dia 7 de março reuniu-se o Júri, presidido por Mons. Giovanni Fallani (Presidente da Pontifícia Comissão Central de Arte Sacra na Itália), e composto de bons e competentes artistas, e o P. Heitor Segneri, Diretor do Departamento Central para as Comunicações Sociais.

Depois de atenta avaliação de cada uma das obras, o primeiro prêmio foi atribuído unanimemente à obra identificada pelo mote “Sol Alumbra”, que verificou-se pertencer ao Sr. Nicolas Ortega Garcia, Ex-Aluno de Madri. Outras obras receberam ainda especial menção, por serem muito significativas.

c) Jornadas de Abertura do Centenário em Turim

Em Turim está trabalhando alacrememente uma “Comissão CMS 76”. Está encarregada de organizar, na cidade que assistiu à partida dos primeiros missionários, os seguintes atos:

— Para o dia 11 de novembro de 1975, o “dia de orações” de que fala o Reitor Mor na carta publicada neste número dos ACS, em “Disposições e normas”;

— para o dia 13 de novembro, a Comemoração civil;

— para o dia 16 de novembro, a solene concelebração na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, com o adeus aos novos Missionários (a celebração será televisonada).

d) Publicações comemorativas do Centenário

Em breve sairão do prelo algumas publicações comemorativas do Centenário. São as seguintes:

- a primeira parte do “Diário Missionário” de D. João Marchesi;
- um livrinho sobre D. Versiglia e P. Caravario, escrito pelo P. Adolfo L’Arco;
- o perfil de mais de 150 Missionários salesianos, pelo P. Eugênio Valentini.

e) Um Curso de Formação Permanente para Missionários

No dia 10 de março inicia-se um “Curso Bimestral de Formação Permanente e Atualização Missionária”, para cerca de quarenta Missionários oriundos das várias regiões de atividade missionária salesiana.

Para a organização deste Curso, o Dicastério das Missões trabalha em colaboração estreita com o Dicastério da Formação Salesiana.

f) Um Encontro com os Bispos missionários salesianos

Os mesmos Dicastérios estão estudando e organizando um Encontro com os nossos Prelados missionários da Ásia e da América Latina (prevê-se a presença de cerca de vinte Bispos).

O Encontro se dará nos dias 12-16 de janeiro de 1976. Logo em seguida (nos dias 26-31 de janeiro de 1976) haverá a “Semana de Espiritualidade Salesiana”, que será estudada e vivida em sua dimensão missionária.

6. Os Conselheiros Regionais

Os Conselheiros Regionais desenvolveram sua atividade ordinária, visitando também algumas áreas dos territórios de sua competência.

O P. João Vecchi, Conselheiro para a Região do Atlântico, nos meses de setembro, outubro e novembro passados, visitou a Inspeco-

ria do Uruguai, e reuniu as duas Conferências Inspetoriais da Região, para tratar problemas de colaboração no setor da formação permanente, imprensa, e celebração do Centenário das Missões.

Em Buenos Aires encontrou-se com os representantes das Inspetorias do Rio da Prata, interessados na formação de “grupos de catequese” abertos para a atividade editorial.

Consta do programa do P. Vecchi para o próximo trimestre a visita à Inspetoria do Recife, como também a participação em diversos “encontros programados” de alguns membros do Conselho Superior com Salesianos e membros da Família Salesiana no Brasil, dando atenção particular aos Diretores e a setores especiais.

Está também em seu programa a visita extraordinária à Inspetoria de Campo Grande.

V. DOCUMENTOS

Convenção para a animação dos Cooperadores Salesianos

No dia 24 de julho de 1974, o Reitor-Mor e a Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, Madre Ersília Canta, assinaram a nova "Convenção entre os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora para a Animação dos Cooperadores Salesianos".

A Primeira Convenção tinha sido estipulada em 1971. O novo texto, que apresentamos a seguir integralmente, inspira-se mais de perto nas Constituições renovadas seja dos Salesianos seja das Filhas de Maria Auxiliadora, e principalmente no novo Regulamento dos Cooperadores, que entrou em vigor em abril de 1974.

PREMISSAS

Unidade da Família Salesiana

D. Bosco fundou os Salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora e os Cooperadores como respostas diversificadas à única vocação salesiana. Os Cooperadores, portanto, não são os destinatários, mas os colaboradores, ao nosso lado, na missão juvenil e popular.

Das Constituições renovadas dos Salesianos: "O Espírito Santo suscitou outros grupos de batizados que, vivendo o espírito salesiano, realizam a missão de D. Bosco com vocações específicas diversas: as Filhas de Maria Auxiliadora e os Cooperadores foram fundados pelo próprio D. Bosco; nasceram mais tarde outras instituições e outras poderão surgir. Estes grupos, juntamente conosco, formam a Família Salesiana. Nela temos particulares responsabilidades: manter a unidade do espírito e promover intercâmbios fraternos para um mútuo enriquecimento e maior fecundidade apostólica" (art. 5).

Os Regulamentos dos Salesianos dão prioridade ao serviço espiritual: "Respeitando a sua autonomia e de acordo com os pedidos e exigências, ofereceremos o nosso serviço espiritual de preferência aos grupos que compõem a Família Salesiana: antes de tudo, às Filhas de Maria Auxiliadora e aos Cooperadores" (art. 30).

O *Novo Regulamento dos Cooperadores*, no art. 23, permite uma “organização flexível e adaptável às situações locais”; mas exige, para os Centros, “garantia de unidade de orientação”. Os artigos 13, 25 e 27 dizem que o Reitor-Mor, como sucessor de D. Bosco, Pai e Centro de Unidade da Família Salesiana, tem plena autoridade na Associação dos Cooperadores; ordinariamente, exercita-a a nível mundial através de um membro do Conselho Superior dos Salesianos, e na Inspetoria por meio do Inspetor.

Em força do *art. 112 das Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora*, uma Conselheira Geral interessa-se pelos Centros de Cooperadores orientados pelas Filhas de Maria Auxiliadora.

Colaboração

O *Manual-Regulamento das Filhas de Maria Auxiliadora* convida a “colaborar para favorecer o incremento e a eficiência apostólica dos Cooperadores Salesianos segundo o Regulamento da União” (art. 152).

O *Novo Regulamento dos Cooperadores* fala desta colaboração para “realizar-se hoje” (art. 7), transformar em autênticos Cooperadores muitos colaboradores leigos atuais cujo número vai aumentando “nas obras e atividades dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora” (art. 8,8), promover “o recíproco auxílio espiritual e formativo... disponíveis às estruturas de intercomunicação, de colaboração e de co-gestão, criadas de comum acordo entre os responsáveis dos vários grupos da Família Salesiana” (art. 12).

E, finalmente, o *Novo Regulamento no art. 25,2* estabelece: “As relações de colaboração e corresponsabilidade entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora para a animação dos Cooperadores são fixadas numa Convenção entre o Reitor-Mor e a Madre Geral das Filhas de Maria Auxiliadora”.

É em força destas premissas que se redige o presente acordo ou

CONVENÇÃO

Centro e Delegada Local

1) Junto das Casas das Filhas de Maria Auxiliadora, quando as circunstâncias o permitam, convém seja constituído um CENTRO DE COOPERADORES SALESIANOS.

2) O Centro é organizado pelo Conselho Inspetorial dos Cooperadores, com o consentimento da Inspetora e do Inspetor Salesiano da circunscrição geográfica onde se encontra a obra das Filhas de Maria Auxiliadora.

3) A Delegada do Centro é nomeada pela Inspetora, ouvido o parecer dos Conselheiros locais (ou de alguns Cooperadores que constituem o núcleo inicial antes da criação oficial do Centro). As suas atribuições são análogas às previstas para o Delegado local no Novo Regulamento e no Diretório (art. 28).

4) *A Delegada Local:*

- a) juntamente com o Conselho dá garantias da formação e idoneidade para a admissão dos novos Cooperadores (art. 22);
- b) promove e estimula a observância do Regulamento, a fidelidade às orientações dos Superiores e dos Dirigentes e a atuação do programa da Associação;
- c) dá relação deste seu serviço apostólico à Diretora e, através da Delegada Inspetorial, à Inspetora;
- d) de acordo com a Diretora, e com o Conselho dos Cooperadores, empenha-se para que não falte ao Centro a adequada assistência espiritual de um Salesiano para o retiro mensal, para a vida sacramental-litúrgica e para as outras atividades de caráter formativo;
- e) faltando o Salesiano ou um Sacerdote, faz a conferência mensal ou a confia a uma pessoa qualificada.

5) A eventual fusão de um Centro das Filhas de Maria Auxiliadora com um Centro dos Salesianos, e vice-versa, depende do Inspetor e da Inspetora, ouvido o Conselho local e inspetorial dos Cooperadores.

6) Quando acontecer que uma obra das Filhas de Maria Auxiliadora deva ser suprimida, o Conselho dos Cooperadores procure animar o Centro integrando-o na obra salesiana mais próxima (S.D.B. ou F.M.A.), ou confiando-o a um Delegado dos Cooperadores (art. 27,3), entendendo-se devidamente com o Inspetor.

Relações da Delegada Local com os Salesianos

7) O Assistente não é de direito membro do Conselho local e não lhe competem responsabilidades organizativas. Ao Sacerdote encarregado do serviço ordinário e extraordinário devem ser pagas as despesas; a isso proverá a caixa do Centro.

8) As relações ordinárias entre um Centro das Filhas de Maria Auxiliadora e um Centro dos Salesianos próximos são reguladas pelos respectivos Conselhos.

9) Quando na mesma zona houver Centros das Filhas de Maria Auxiliadora e Centros dos Salesianos, favoreça-se a colaboração para uma pastoral de conjunto e alguns encontros comunitários (por exemplo: conferência anuais, retiros, etc.).

A Delegada Insuperiorial

10) A Insuperior, ouvidos os membros do Conselho Insuperiorial dos Cooperadores, nomeia a Delegada Insuperiorial e apresenta-a às comunidades interessadas das Filhas de Maria Auxiliadora.

11) A Delegada Insuperiorial:

- a) representa a Insuperior junto do Conselho Insuperiorial dos Cooperadores e dos Centros;
- b) faz parte, de direito, do Conselho Insuperiorial dos Cooperadores, e, se na zona da sua competência funcionarem vários Conselhos Insuperioriais, será membro de cada um deles;
- c) é a animadora das Delegadas locais;
- d) visita os Centros e incrementa a vida no respeito à autonomia dos Cooperadores;
- e) serve de intermediária entre os Centros da zona que lhes são confiados e o Conselho Insuperiorial;
- f) de acordo com a Insuperior, convoca anualmente as Delegadas locais para reuniões de estudo e de intercâmbio de idéias, às quais é oportuno convidar também o Delegado Insuperiorial;
- g) no início do ano social, comunica às Superiores as orientações, as propostas e os programas das Associações, e, no

fim, informa-as das realizações concretizadas nos Centros das Filhas de Maria Auxiliadora, e disso dará relação ao Conselho Insuperiorial e Nacional.

Relações do Delegado e da Delegada Insuperiorial

12) O Delegado Insuperiorial:

- a) tem a responsabilidade espiritual de todos os Centros existentes na zona a ele confiada, incluídos os que existem junto das Filhas de Maria Auxiliadora;
- b) combina com a Delegada Insuperiorial tudo o que respeita a um fecundo trabalho apostólico;
- c) de acordo com a Delegada, visita os Centros existentes junto das Filhas de Maria Auxiliadora, também para manter a união dos Cooperadores com a Congregação.

13) A Delegada Insuperiorial examina particulares situações dos Centros e procura a solução mais conforme ao espírito de caridade, servindo-se, quando necessário, do Conselho dos Cooperadores e do auxílio da Insuperiora, do Insuperior ou do seu Delegado.

14) Os novos Cooperadores aceites pelo Conselho local são recebidos na Associação pelo Insuperior ou o seu Delegado.

15) Para organizar os Centros, nos lugares onde as Insuperiorias dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora não coincidem geograficamente, haja um entendimento entre os Insuperiores e as Insuperioras para estabelecer o número dos Conselhos Insuperioriais de Cooperadores que se julga oportuno constituir. Para tal decisão ouça-se também o parecer dos Cooperadores.

Relações entre os Conselhos Superiores

16) As relações de colaboração e de corresponsabilidade entre os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora a nível internacional são estudadas em comum acordo e periodicamente pelo Conselheiro Superior Salesiano e a Conselheira Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, com a ajuda de alguém especializado.

- 17) Na Comissão provisória e no futuro Conselho Mundial haja uma conveniente presença das Filhas de Maria Auxiliadora.
- 18) Enquanto se aguarda que se forme o Conselho Mundial dos Cooperadores, os problemas de certa relevância sejam apresentados à Comissão Mundial Provisória, e esta os apresente ao Reitor-Mor que é o intérprete autorizado do Novo Regulamento (arts. 33 e 34).

Programa Anual

- 19) O programa anual, previamente estudado entre os Delegados e as Delegadas e sucessivamente elaborado nos Conselhos, terá presente as exigências e as iniciativas dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Esta seção apresenta iniciativas, experiências, programas e reflexões dos irmãos (muitas vezes sobre problemas e situações apenas locais), como aparecem nos Noticiários Inspetoriais que chegam à Direção Geral.

Sugerida também pelo CGE, que recomenda a divulgação de “um extrato das principais iniciativas tomadas no mundo salesiano para a renovação” (CGE 763, 3b), esta seção atende antes de mais nada a uma exigência de informação, e não comporta necessariamente um juízo de valor, por parte do Conselho Superior, com relação a quanto vai publicado.

1. Inspetoria de Veneza — Dar uma fisionomia salesiana aos Centros de orientação

Nos dias 30 de novembro e 1.º de dezembro de 1974, reuniram-se em Roma os operadores dos “Centros psicopedagógicos de orientação” salesianos da Itália. Estavam presentes 40 entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, que trabalham em 20 Centros. O tema principal foi apresentado pelo P. Juvenal Dho, do Conselho Superior, encarregado da Pastoral Juvenil. Dão notícia os NI de Veneza (dezembro de 1974, p.7-8) e outros.

No tema principal sobre “Problemas e Perspectivas dos Centros Inspetoriais de Orientação”, o P. Dho traçou a fisionomia dos mesmos Centros, e a identidade salesiana dos que operam nesse setor.

Indicou de início três circunstâncias que constituem o contexto em que se desenvolve hoje a atividade da orientação psicopedagógica:

em primeiro lugar, os jovens de hoje têm mais consciência das suas possibilidades e responsabilidades, mas estão mais desorientados e manipulados, e necessitados portanto de orientadores “objetivos”;

em segundo lugar, as instituições educacionais e pastorais estão em profunda crise de renovação, e têm ainda dificuldades de passarem para a prática as novas dimensões e perspectivas (essa é a causa, por exemplo, das ansiedades dos educadores mais conscientes, e das resistências dos mais... inconscientes);

em terceiro lugar, torna-se indispensável pensar novamente o serviço pastoral salesiano aos jovens não em função das instituições, mas em função da evangelização.

Em seguida o P. Dho abordou alguns problemas que, nesse contexto, ajudam a definir a fisionomia dos Centros Psicopedagógicos de Orientação salesianos.

1. Quais são os destinatários da ação dos Centros? Em primeiro lugar, a comunidade inspetorial; em seguida as comunidades locais (não somente as comunidades escolares, nem somente os jovens, mas também os Salesianos, os colaboradores leigos, os pais); e finalmente, se for o caso, jovens que não pertencem à comunidade educativa.

2. Que tipo de serviço espera-se hoje desses Centros de Orientação? Será um serviço educativo, em perspectiva pastoral (De fato, a vocação dos Salesianos não é a de serem psicólogos, mas educadores e pastores que sabem utilizar-se, na medida justa, das contribuições das ciências humanas).

Será também um serviço na linha da educação permanente, hoje necessária por causa das mudanças rápidas e profundas da sociedade.

Como consequência, essas novas perspectivas exigem uma revisão também dos objetivos e dos métodos da orientação.

3. Que objetivos então devem ser visados pelos Centros salesianos de orientação? O P. Dho focalizou três áreas: a da orientação vocacional, a do associacionismo e a da catequese e formação religiosa.

Na orientação vocacional deve-se ter presente que o problema não é principalmente psicológico, mas educacional e pastoral, e que a orientação não tem uma função momentânea de levar somente a uma "escolha", terminando quando esta escolha se verifica. Hoje muitas comunidades salesianas ainda não estão preparadas para essa nova maneira de ver, e por isso os operadores da orientação não podem limitar-se e fechar-se na "diagnose", mas devem ajudar as comunidades a se abrirem para uma ação educativa orientadora.

A área associativa apresenta-se também aos operadores da orientação como um vasto campo aberto ao seu estudo e intervenção.

Na área da formação religiosa muitos educadores sentem verdadeira necessidade de consultarem, para melhor compreenderem os jovens e estabelecerem com eles um relacionamento pastoralmente eficaz.

4. Os operadores da orientação deverão renovar também a metodologia? Tudo o que se disse leva a uma resposta positiva. É necessário evitar o perigo de se fecharem numa metodologia meramente de diagnose, e de se limitarem a consultas psico-clínicas exclusivamente individuais: somente no quadro amplo da pastoral é que o operador psicopedagógico salesiano encontra a razão de ser da sua atividade.

2. Inspeção da Alemanha do Norte — O “Círculo de Colônia” para os colaboradores leigos

Já faz algum tempo que funciona na Alemanha o chamado “Círculo de Colônia”, criado por um grupo de Inspectores da Europa Central para formar no espírito salesiano e segundo o sistema educativo salesiano os leigos que trabalham em nossas obras. O P. Carlos Oerder, Inspetor da Alemanha do Norte, apresentou aos seus Salesianos, no mês de outubro de 1974, um relatório sobre as atividades do “Círculo”. Aqui vai uma síntese desse relatório.

Torna-se cada vez mais evidente que não podemos realizar a nossa missão sem a colaboração de forças leigas. Surge então o problema da nossa colaboração de Salesianos com estes leigos, e o problema da qualificação dessas forças para o trabalho salesiano.

Para contribuir para a solução de tais problemas, com o conselho do P. Ter Schure e com a colaboração de alguns Inspectores da Região, formou-se um “grupo de trabalho”, que visa oferecer uma ajuda apropriada. Deu-se provisoriamente a esse grupo o nome de “Círculo de Colônia”. Em agosto de 1974 foram fixadas as metas e delineados os métodos de seu trabalho. Os destinatários são especialmente os colaboradores leigos que de alguma forma fazem parte das nossas comunidades educativas. Enquanto colaboram no espírito de Dom Bosco para o cumprimento da nossa missão, eles precisam de um certo conhecimento de Dom Bosco e da Congregação, e de uma formação especial dentro do nosso sistema preventivo. O “Círculo de Colônia” sabe muito bem que tal formação dos colaboradores muitas vezes não se dá, e por isso concentra as suas preocupações nesse objetivo.

Para qualificar os leigos em vista de obter uma colaboração de nível ótimo, o Círculo procura fornecer subsídios apropriados, que

consistem em impressos e material de formação inicial e permanente, para conferências, dias de informação, retiros, exercícios espirituais...

O Instituto Teológico de Benediktbeuern e os Institutos de outras Inspetorias estão convidados de maneira especial a colaborar, e estão dispostos a fazê-lo. Os temas a serem estudados abrangem o aspecto pedagógico, mas também o aspecto teológico-laical da formação inicial e permanente.

Ao mesmo tempo o trabalho do Círculo e dos outros irmãos terá em vista orientar essas forças leigas para o ideal do Cooperador Salesiano qualificado.

Todos os irmãos devem sentir-se obrigados a uma colaboração ativa; pois não se trata somente de um encaminhamento para uma missão apostólica genérica, mas para a missão salesiana específica, e se trata do futuro da obra de Dom Bosco na Região.

3. NI de Barcelona — Um plano para o Clero local Chinanteco

No México, na Prelazia Mixepolitana, foi elaborado um plano quinquenal para suscitar sacerdotes no grupo indígena de Chinanteco. Quem informa é o P. Isidro Fabregas, em comunicação ao NI de Barcelona (outubro de 1974, p.3-6), que resumimos a seguir.

A tarefa que a Santa Sé entregou a D. Bráulio Sanchez, quando lhe confiou a nova Prelazia Mixepolitana, em 1962, foi a de formar o clero local. Essa é a preocupação de todos nós, que constituímos a equipe de D. Bráulio.

Os Chinantecos são um dos diversos grupos indígenas da Prelazia, ao lado dos mais conhecidos, os Mixe, os Zapotecas, os Mixtecos, etc. Pelo seu temperamento dócil, pelo seu comportamento humilde e resignado, no passado eles foram vítima fácil de toda espécie de dominadores, e viveram sempre como dominados. Receberam cedo a luz do Evangelho, que lhes foi trazido pelos primeiros missionários espanhóis (que trabalharam com muito empenho, e construíram em lugares encantadores esplêndidas igrejas cujos restos ainda hoje podem ser apreciados). Quando o trabalho missionário estava para dar seus melhores frutos, as revoluções e as crises políticas tudo destruíram. Afinal os missionários foram expulsos do país, e os Chinantecos ficaram abandonados a si mesmos durante muito tempo. Em parte conservaram o patrimônio da fé, em parte misturaram-no com superstições, feitiçarias e idolatrias, que emergiram do passado.

Quando chegaram os Salesianos, havia um único padre trabalhando. Girava incansavelmente por toda a região, conseguindo visitar cada lugar somente uma vez por ano, nada mais podendo fazer senão batizar e celebrar casamentos a toda pressa.

O primeiro objetivo que D. Bráulio fixou foi o de formar um bom grupo de colaboradores leigos. Saídos do meio do povo, eles hoje cumprem muito bem a própria tarefa de manter a fé e o fervor nas várias comunidades. Nós preparamos esses “auxiliares paroquiais” para a sua atividade por meio de cursos especiais de oito dias, cada ano, e através de contatos muito frequentes com os párocos e os responsáveis pela sua formação. Os auxiliares são mais de 500 em toda a Prelazia, e entre os Chinantecos são mais de 140. Desse viveiro esplêndido esperamos poder promover o clero local que amanhã nos há de substituir.

Precisamos formar o clero aqui no local, para que não se isole da sua gente, mas seja o mais possível aceite por ela. Nossas experiências visam essa meta. Em janeiro de 1975 demos início à execução de um plano quinquenal para fazer surgir os primeiros diáconos e outros ministérios. Constituimos dois centros: um para os Mixes em Matagallinas, e outro para os Chinantecos em Rio Manso; nesses centros, seguindo um programa bem elaborado, haverá cursos de formação para leitores, acólitos e diáconos.

O viveiro para a escolha dos candidatos são os mesmos auxiliares paroquiais: entre eles serão escolhidos os que têm os requisitos para frequentar os cursos: que sejam bem aceites pela sua gente, e disponham do tempo necessário. Os cursos vão durar três meses, na temporada em que não há trabalho agrícola, e se repetirão por dois anos. Nessa altura os candidatos receberão os primeiros ministérios. Depois de outros dois anos de exercício prático e de frequência aos cursos, passarão ao grau seguinte, e então ao diaconado. O passo sucessivo e decisivo, para os diáconos celibatários, poderá ser naturalmente o sacerdócio.

Esse é o nosso ambicioso projeto e nossa grande esperança, para que aquela semente da fé que os primeiros missionários lançaram outrora em nome de Cristo não seja sufocada pelas forças ocultas do joio.

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. Refazermos em nós uma mentalidade cristã

Diante do crescimento de um perigoso “conformismo do anti-conformismo” até na consciência e na prática cristã, e isso em demasiados casos pessoais e em muitos contextos comunitários, Paulo VI lembra o dever de refazermos em nós uma “mentalidade cristã” consciente da dignidade cristã. Para quem quiser compreender, a renovação conciliar e a renovação do Ano Santo tendem a isso, diz ainda o Papa.

Como também, para quem quiser compreender, é fácil transferir estas considerações ao plano dos valores da consagração religiosa apostólica e da consagração sacerdotal, ambas, para nós, segundo o carisma de Dom Bosco.

(Audiência Geral do dia 15 de janeiro de 1975)

É necessário refazermos-nos uma mentalidade cristã. Isto dizíamos noutra ocasião, referindo-Nos à renovação da nossa vida, em geral, mas especialmente da nossa vida cristã, da nossa vida católica. Ora, para recuperar essa mentalidade, para lhe conferir esplendor ideal e segurança lógica, fecundidade de obras e energia na conduta, o acontecimento do Ano Santo pode ser muito útil a todos.

Que este convite seja permanente, nasça do contexto originário da catequese da Sagrada Escritura, e constitua o fulcro da pedagogia batismal, do renascimento do homem numa forma existencial diversa, paradoxal, superior, nova (...recorde-se o diálogo noturno de Jesus com Nicodemos: *Jo* 3, 3 ss; e o confronto, quase a antítese, a metamorfose do “homem velho”, o homem deste mundo natural, no “homem novo”, vivificado por um princípio sobrenatural, do qual nos fala repetidas vezes S. Paulo: cfr. *Ef* 4, 24; *Col* 3, 10; *2 Cor* 5, 17; etc.) bem o sabemos; ou melhor, deveríamos sabê-lo bem, se realmente a nossa consciência conserva viva a recordação da nossa vocação cristã.

O cristão é um ser novo, um ser original, um ser feliz. Diz bem Pascal: “Não há ninguém mais feliz do que um verdadeiro cristão,

nem há ninguém mais razoável, virtuoso e amável (do que ele)” (*Pensées*, 541). Ora, nós os modernos, mesmo se nos professamos em comunhão com a religião cristã (uma comunhão não raro calada, minimizada, secularizada), raramente temos o sentido desta novidade do nosso estilo de vida, ou se o temos, é de forma incompleta: e muitas vezes comportamo-nos como homens conformistas e levianos, por causa do “respeito humano” de parecermos aquilo que somos: cristãos precisamente; isto é, pessoas que têm um modo de viver próprio seu, livre e superior, ainda que lógico e austero.

Por isso a Igreja nos chama a atenção e nos admoesta: cristão, sê consciente; cristão, sê coerente; cristão, sê fiel; cristão, sê forte; numa palavra: cristão, sê cristão!

A este propósito, seria útil analisar os obstáculos que nos impedem de dar à nossa vida um aspecto cristão. O diagnóstico destes obstáculos, que do exterior ou do interior afetam o nosso espírito, constituiria um tratado da patologia espiritual, difícil de encerrar em poucas páginas, não obstante ele estar sempre presente em cada momento de recuperação religiosa e moral.

Agora podemos limitar-Nos a indicar um fator indispensável desta desejada renovação cristã; e não é difícil identificá-lo, apesar de nem sempre ser fácil para todos recorrer a ele. É a graça; é a ação do Espírito Santo, é o suplemento de luz e de força, que só o contato com a fonte divina da nossa regeneração espiritual nos pode proporcionar. Isto é o que nos sugerem claramente as palavras de S. Paulo, que escolhemos como paradigma da renovação que andamos a procurar. Diz S. Paulo: “Renovamini spiritu mentis vestrae” — “renovai espiritualmente a vossa inteligência” (*Ef* 4,23). Aqui, a palavra “Spiritu”, “pnêumati” no texto original, segundo nos ensinam os mestres da exegese, refere-se precisamente à graça, isto é, ao Espírito Santo (cfr. J. KNABENBAUER, *Comm... ad Eph.*, p. 132). É a eficácia que nos vem da Paixão de Cristo, da Sua obra redentora, a qual, como nos ensina S. Tomás, nos é transmitida por duas vias principais: a fé e os sacramentos; por outras palavras, mediante um ato interior da nossa alma, a fé; e mediante a recepção dos sacramentos (*S. Th.*, III, 62, 6). E eis que se delinea perante nós a prática religiosa do Ano Santo, não certamente exclusiva desta celebração especial, mas praticada durante ela com particular empenho e com a assistência intencional do ministério eclesiástico: uma profissão de fé, um recurso à ação sacramental.

Isto leva-Nos a aludir a outro obstáculo característico, que se opõe à desejada renovação: o estado de alma que ultimamente se veio difundindo e exacerbando: a desconfiança para com a Igreja chamada institucional, a Igreja real, a Igreja humana, a Igreja que está ao serviço, que é guarda e dispensadora dos mistérios divinos (cfr. 1 Cor 4, 1).

Recordemos a grande afirmação de um célebre pensador católico alemão, João Adam Moehler, precursor do movimento ecuménico (1796-1838), sobre a necessidade da mediação da Igreja para conhecermos Cristo e vivermos da Sua vida (cfr. "A unidade na Igreja", 1, 7). Assim, a nossa renovação de idéias e de vida cristã não poderá prescindir de uma redescoberta da nossa inserção no Corpo místico e social de Cristo, que é precisamente a Igreja católica; e de uma libertação da tentativa, hoje infelizmente em moda, de separar Cristo da Igreja, como se, contestando esta e concedendo à nossa interpretação da verdade religiosa todo o género de crítica arbitrária contra a Igreja, se pudesse gozar de uma comunhão mais autêntica e mais vital com Jesus Senhor, que é a fonte da nossa salvação precisamente mediante a Sua Igreja. Por isso, diremos com Santo Inácio de Antioquia: "*discamus secundum Christianismum vivere*" — "Aprendamos a viver segundo o Cristianismo" (*Ad Magnesios*, X).

Esta é a renovação do Concílio; é esta a renovação do Ano Santo! "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (*Mt* 13, 9).

2. O lugar da humildade na renovação do cristão

Há lugar ainda hoje para atitudes interiores como, por exemplo, a humildade? E para o cristão, que valor tem hoje essa virtude classificada como "passiva" e "negativa"? Não haveria contradição entre a vocação radical à dignidade humana e cristã, de um lado, e o preceito da humildade, de outro lado? Qual é o parentesco (diz Paulo VI) entre humildade e amor, entre humildade e fortaleza, entre humildade e autoridade, entre humildade e oração?... E no entanto, se não se colocar este alicerce, corre-se o risco de construir sobre a areia, isto é, sobre o equívoco e sobre a ilusão.

Portanto, a reconstrução do homem moderno, do cristão moderno, do religioso moderno, do salesiano moderno..., não pode partir se não daí.

(Audência Geral do dia 5 de fevereiro de 1975)

Nós pensamos ainda no renovamento, promovido pelo Ano Santo, da concepção humana da vida, a qual deve caracterizar a autenticidade e a eficiência do cristão, quer na sua consciência pessoal, quer na convivência social. E seguindo — com o Evangelho à frente — a linha desta investigação, deparamos com uma palavra programática, que Nos parece difícil conciliar com a elevação do homem, realizada pelo plano divino da graça: plano no qual a dignidade e a grandeza do homem, conforme já tivemos a oportunidade de sublinhar muitas outras vezes, adquirem uma estatura esplêndida e majestosa, própria de um filho adoptivo do Pai, de um irmão do Cristo Salvador Rei da humanidade, e de um ser que hospeda em si a presença luminosa e santificante do Espírito Santo. Na concepção e na realidade do catolicismo, o homem é grande; e tal deve sentir-se na sua consciência no valor do seu agir, na esperança do seu destino final. Acontece, porém, que uma injunção, a qual investe toda a personalidade do homem, os seus pensamentos, o seu estilo de vida, as suas relações com os próprios semelhantes, impõe-lhe ao mesmo tempo ser humilde. Ninguém poderá negar que a humildade é uma exigência — poderíamos dizer constitucional — da psicologia e da moralidade do cristão. De fato, um cristão soberbo é uma contradição nos seus próprios termos. Se queremos renovar a vida cristã, não podemos esquecer a lição e a prática da humildade. De que modo é possível resolver sobretudo o contraste entre a vocação à grandeza e o preceito da humildade? Sem recorrermos às célebres expressões de Pascal, acerca da grandeza e da miséria do homem (cfr. *Pensées*, 400, 416, 417, etc.), temos todos os dias nos lábios e no coração o "*Magnificat*", o hino sublime de Nossa Senhora, a qual proclama diante de Deus e diante de todos os que ouvem a Sua voz suavíssima, a Sua humildade de serva ("*humilitatem ancillae suae*" — *Lc* 1, 48), e ao mesmo tempo celebra as maravilhas que Deus operou n'Ela, e também profetiza a exaltação que d'Ela farão todas as gerações humanas (cfr. *ibid.* 48, 49). Como é possível? Como pode conciliar-se a humildade mais sincera e mais operante com o reconhecimento da mais elevada dignidade?

A contradição aparente entre humildade e dignidade do cristão não podia obter uma solução mais profunda e mais autorizada. E a primeira solução é dada pela consideração do homem diante de Deus. O homem religioso não pode não ser humilde. A humildade é verdade. A consciência cósmica gera a humildade: "Que é o homem, para fazeres tanto caso dele?" (*Jó* 7, 17). Santo Agostinho, cujo conceito de humildade está sempre presente nas suas obras, ensina-nos que a

humildade deve ser colocada no quadro da verdade. Nós somos pequenos; e, mais ainda, somos pecadores (cfr. *S. Th.* II-II, 161). Neste sentido, a humildade parece lógica e tão fácil que, se não fosse suavizada por outras considerações provenientes da misericórdia de Deus, nos levaria ao cepticismo, ao desespero. “Humilhai-vos, pois — escreve S. Pedro —, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele vos exalte no tempo oportuno. Confiai-lhe todas as vossas preocupações, porque Ele tem cuidado de vós” (*1 Pdr* 5, 6-7). E o exemplo de Cristo servir-nos-á sobretudo de lição e de modelo de humildade.

Sob o aspecto religioso, a apologia da humildade é fácil e convincente (cfr. *1 Cor* 4, 7). Mais uma razão para reconhecermos à religião um outro mérito seu, não secundário certamente. Mas podemos perguntar-nos: não existe uma humildade sem uma referência religiosa? Sim, existe. A humildade, por si, é sabedoria (cfr. *S. Th.*, *ibid.* 1). Sócrates, por exemplo, foi para nós um mestre neste campo. Mas a sua consistência moral nem sempre é unívoca e certa, porque se deprime facilmente em aviltamento, ou se enche de presunção e de vaidade.

E com grande facilidade, esta, a humildade pessoal, ou seja, o juízo reto e equânime que alguém pode ter sobre si próprio, não resiste nesta sua retidão ao confronto com o juízo que devemos ter sobre as outras pessoas. O confronto pessoal com os nossos semelhantes não cabe, habitualmente, na justa medida em que deveria ser contido. Podemos quase dizer que a humildade, ou seja, o conhecimento das nossas limitações, não é virtude social. O confronto com os outros torna-nos não raro piedosos para conosco mesmos, e orgulhosos em relação ao próximo. Vale a pena recordar a parábola do fariseu e do publicano no templo, quando o primeiro diz de si: “eu não sou como os outros...” (*Lc* 18, 11).

Deste modo são postos em evidência dois males capitais da psicologia humana, causa das ruínas mais vastas e mais graves da humanidade: o egoísmo e o orgulho. O homem torna-se, com os mesmos, centro de si próprio na avaliação dos valores da vida; torna-se primeiro; torna-se único. A sua arte de viver consiste em pensar em si mesmo e em submeter os outros. Todas as grandes desordens sociais e políticas encontram o seu campo de cultura no egoísmo e no orgulho, campo no qual tantos instintos e tantas capacidades de ação encontram o próprio alimento profundo, mas onde o amor já não existe; ou no qual este soberano sentimento (do amor) ainda sobrevive, mas que estando tão manchado de egoísmo e de orgulho

acabará por se deformar e depravar; transforma-se em egoísmo coletivo, em orgulho de prestígio comunitário. Neste caso, o amor perde a sua característica melhor e cristã, a universalidade, e por conseguinte a sua verdadeira autenticidade, o seu sincero desinteresse, a sua maravilhosa capacidade de descobrir, de conhecer, de socorrer os sofrimentos do próximo, com um coração magnânimo, conforme no-lo ensinou Cristo mediante a palavra e o exemplo.

Este parentesco entre a humildade e o amor, entre a humildade e a fortaleza de espírito, entre a humildade e o exercício da autoridade indispensável à justiça e ao bem comum, e por fim entre a humildade e a oração, poderia e deveria ser objeto de ulteriores reflexões; é-Nos suficiente por agora termos reivindicado o lugar devido à humildade na renovação cristã, da qual andamos à procura, um lugar indispensável e capital, o de uma virtude — conforme afirma S. Tomás seguindo o exemplo de Cristo (cfr. *Mt* 11, 29; 18, 2) — que é, depois das virtudes teologais e depois da justiça, "*excelentissima et potissima*", a melhor e a preferível.

VIII. NECROLÓGIO

P. João Batista Atzeni

* Arbus (Cágliari — Itália) 20-9-1908, † Selargius (Cágliari — Itália) 11-12-1974 com 66 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio.

Vindo da generosa Sardenha chegou ao Instituto Salesiano de Genzano, onde amadureceu sua vocação salesiana e sacerdotal. Em trabalho ininterrupto de mais de 40 anos executou com empenho não comum os deveres ordinários de nossas Casas: aula, disciplina, direção do Oratório, ministério paroquial. Em sua grande humildade foi sempre fiel às obrigações e jamais aspirou a que se reconhecesse seu trabalho. Ainda dois meses antes de seu falecimento cumpriu uma obediência que lhe era mui custosa, o que lhe terá aumentado a recompensa no céu.

P. Natal Avasse

* Lu Monferrato (Alessândria — Itália) 19-12-1899, † Alessândria (Itália) 23-11-1974 com 74 anos, 49 de profissão, 43 de sacerdócio.

Apesar da pouca saúde, dedicou-se com entusiasmo ao trabalho nas missões da China. Hábil em contabilidade tornou-se precioso na administração, onde, mesmo sem ser o titular, apresentava uma precisão inapontável. Onde, porém, foi mais apreciado, era no campo das almas: irmãos, fiéis, sacerdotes e religiosos e mesmo o Bispo diocesano contavam-se entre seus penitentes. Enquanto lhe foi possível visitou semanalmente o leprosário de Coloane praticando também lá seu precioso ministério. Ao voltar à Itália a insidiosa enfermidade agravou-se e lhe abriu as portas da eternidade para receber o prêmio de seus trabalhos apostólicos.

Coad. José Baldassarre

* Barletta (Bári — Itália) 17-5-1911, † Nápoles (Itália) 18-11-1974 com 63 anos, 45 de profissão.

“Jovem dócil, afeito ao trabalho, de piedade simples e profunda”. Esta apreciação de seu pároco, foi seu retrato por toda sua vida. Por 21 anos em Bári, e por quase todo o resto de sua vida no “Don Bosco” de Nápoles, formou no trabalho e na arte da madeira gerações de jovens que sempre dele se recordam com gratidão como “o nosso mestre”. A sua inestancável operosidade uniu uma notável ca-

pacidade inventiva. Seus alunos divisavam nele o homem de fé, o religioso exemplar, em que transparecia um espírito verdadeiramente grande em saber amar e sacrificar-se ao endereçar tudo à maior glória de Deus.

Coad. João Baraut

* Vilar de Cabó (Lérida — Espanha) 29-6-1894, † Barcelona (Espanha) 18-7-1974 com 80 anos, 62 de profissão.

De caráter humilde, simples, sempre serviçal, soube cativar a estima de todos. Lecionou por onze anos em Ciudadela e por um ano em Azcoitia. Passou depois a Sarriá, onde, além de atender na portaria, desenvolvia muitas outras atividades apostólicas. Promotor entusiasta da boa imprensa em distribuir continuamente folhetos e revistas. Um folheto intitulado “exemplos e ensinamentos” foi publicado por ele mesmo até 180 números, com uma tiragem de 2.000 exemplares cada número.

Incansável promotor de vocações, sentiu-se imensamente feliz quando em 1968 presidiu à reunião de uns quarenta membros da família Baraut Abiols consagrados ao Senhor. Foi sempre de um grande amor filial a Nossa Senhora. Servo bom e fiel voltou à casa do Pai.

P. Emanuel Bars

* Torroella de Montgri (Gerona — Espanha) 26-10-1889, † Shillong (Índia) 4-4-1974 com 84 anos, 66 de profissão, 57 de sacerdócio. Foi por 6 anos Administrador Apostólico de Krishnagar.

Mons. Bars, como sempre foi chamado desde sua nomeação para Administrador Apostólico, foi um dos missionários salesianos pioneiros do Assam. Difundiu a mensagem evangélica no Nordeste da Índia com dinamismo e uma capacidade verdadeiramente apostólica apropriada aos tempos. Extraordinariamente dotado de talentos naturais e de ciência, colocou-os ao serviço da causa do Evangelho e para a promoção da cultura e das línguas daquela região. Foi estimado por todos como grande estudioso, e seus dois dicionários — Khasi e Garo — são obras usadas como texto.

Coad. Carlos Basso

* Roccaforte Mondovi (Cúneo — Itália) 21-12-1893, † Bivio di Cumiana (Torino — Itália) 25-1-1975 com 81 anos, 47 de profissão.

Em sua vida salesiana foi exemplar e generoso até o fim: deixando exemplos de piedade e espírito de sacrifício, trabalho, especial-

mente no cuidado amoroso às suas vinhas e pomares. Dotado de fina argúcia e de grande cordialidade, seu sorriso era celestial e a paz que irradiava comunicava serenidade e otimismo. Seu testemunho, também na lembrança de tantos ex-alunos do passado, foi o de um humilde camponês que serve ao Senhor com alegria e simplicidade e cuja alma está aberta com assombro às maravilhas da natureza. Assim como ele procedia com a videira, assim o Senhor nos últimos meses, com o sofrimento que ele aceitou, podou e purificou sua vida oferecida de coração para o bem dos irmãos e dos jovens.

P. Gualtiero Bondi

* Budrio (Bolonha — Itália) 18-3-1903, † Roma, Pio XI (Itália) 11-2-1975 com 71 anos, 52 de profissão, 45 de sacerdócio. Foi diretor por 14 anos.

Logo após a ordenação sacerdotal foi chamado a assumir a administração de Casas grandes, para depois tomar a direção em outras Obras juntamente com o ministério paroquial. Tinha o dom da organização e da realização, com um sólido sentido de responsabilidade, que teve ocasião de desenvolver em sucessivos encargos nas duas inspetorias Romana e Adriática. Nutriu predileção pela Casa de Deus, no que foi privilegiada a basílica de Maria Auxiliadora em Roma, onde ele iniciou sua atividade junto a Mons. Salvador Rótolo a quem sempre venerou filialmente.

A Virgem Auxiliadora chamou-o para o prêmio, justamente à sombra da sua basílica romana, para onde voltara a pedido para trabalhar no último período de sua vida.

P. Luiz Borsello

* Turim (Itália) 28-6-1894, † Turim 1-11-1974 com 80 anos, 53 de profissão, 48 de sacerdócio.

Por 22 anos Capelão Militar, por 25 Capelão no Ferrante Aporti, a antiga prisão "Generala" de Dom Bosco, P. Luiz Borsello teve um apostolado salesiano e sacerdotal fora das estruturas ordinárias e comuns da Congregação, mas com o coração e o espírito de Dom Bosco. Para o P. Albera e para o P. Rinaldi, que ele conheceu pessoalmente, conservou sempre uma profunda veneração e deles guardou grandíssima recordação. Uma rica coleção de medalhas atesta o reconhecimento por suas inumeráveis benemerências. A mais gloriosa, porém, de suas medalhas, foi para ele a de ter sido sempre e em toda parte "sacerdote".

P. Amadeu Burdeus

* Burriana (Castellón — Espanha) 16-11-1902, † Mataró (Barcelona — Espanha) 22-12-1974 com 72 anos, 54 de profissão, 44 de sacerdócio.

P. Amadeu foi uma grande figura de salesiano, um modelo de serenidade, cheio de vida, com grandes ambições espirituais, curioso de uma contínua e sábia renovação, trabalhador incansável, de colóquio fácil e agradável, nobre e perseverante na amizade, fiel e delicado na correspondência epistolar, professor competente até à morte. Foi hábil biógrafo e promotor entusiasta da causa de martírio dos salesianos mortos na guerra civil espanhola de 1936-39, e da causa de beatificação de Dona Dorotéia de Chopitéa, a grande benfeitora de Dom Bosco e de sua obra em Barcelona. Revelava em todos estes campos seu amor e sua fidelidade a Dom Bosco e à Congregação.

P. Hilário Bussoletti

* Nepi (Roma — Itália) 5-6-1904, † Roma 29-7-1974 com 70 anos, 50 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi diretor por 26 anos.

O querido P Hilário passou quase toda sua vida salesiana na Inspetoria Lombarda. Após sua ordenação sacerdotal, e seguindo sua decidida inclinação, os Superiores enviaram-no a trabalhar no Oratório, confiando-lhe também mais tarde a direção de várias casas. Teve um merecimento especial em Iseo, que salvou das represálias militares no turbulento período do final da guerra mundial; feito que lhe mereceu o título de cidadão honorário com medalha de ouro. Aumentou-se-lhe ainda a esfera de ação de seu apostolado com a responsabilidade de pároco. Incansável zelo, sincera piedade, são otimismo, acompanharam todas as etapas do seu apostolado sacerdotal e salesiano.

Coad. Pedro Bustamante

* Lima (Peru) 4-2-1885, † (Peru) 16-2-1975 com 89 anos, 66 de profissão.

Faleceu às 4.40 horas como Dom Bosco. No ano passado, internado numa clínica, pedia aos salesianos que o levassem à Casa salesiana “porque, dizia, se vem Dom Bosco a buscar-me não me encontra”. Sua enfermidade revelou o que havia sido em toda a sua vida. Homem de Deus, de seus lábios não saía jamais um lamento. Homem de oração, tinha sempre o rosário entre as mãos e rezava por todos; jamais deixou sua confissão às sextas-feiras. Homem jovial

que gracejava mesmo durante a doença. Nutria grande amor à Congregação. Por quase 50 anos foi mestre de alfaiataria e formou turmas de alunos que a ele muito se afeiçoaram.

P. Alfio Carciola

* Pedara (Catânia — Itália) 6-9-1917, † Messina (Itália) 21-1-1975 com 57 anos, 39 de profissão, 28 de sacerdócio.

Salesiano autêntico que viveu no trabalho e no silêncio. Dedicou toda sua vida salesiana, após o fim da segunda guerra mundial, à formação cristã, no Oratório Salesiano “S. Domingos Sávio” de Messina, dos seus pequeninos alunos da primeira classe elementar, os quais preparava também às récitas teatrais suscitando grande entusiasmo em seus atores infantis, com especial enlevo das famílias. Depois de 25 anos desse trabalho, com muito pesar seu foi obrigado, em 1970, a desistir dessa ocupação por motivo de esgotamento profundo e perturbações graves do coração. Um ataque cardíaco reconduziu-o ao Pai Celeste, assistido pelos irmãos da Casa.

P. Heitor Castoldi

* Milão (Itália) 13-1-1911, † Campo Grande (Mato Grosso — Brasil) 1-9-1974 com 63 anos, 38 de profissão, 29 de sacerdócio. Foi diretor por 15 anos.

Nos cargos de conselheiro escolar, diretor e ecônomo revelou dotes especiais de organizador ativo e sagaz. Onde, porém, brilhou mais sua atividade foi no campo paroquial, onde por 13 anos doou-se todo a todos, de acordo com o apostólico programa de São Paulo: “De bom grado sacrificar-me-ei para o bem de vossas almas”. O P. Castoldi, escrevia o Bispo diocesano, viverá nos anais da Igreja de Campo Grande como o infatigável apóstolo da eficácia sacramental no matrimônio. O anelo de seu coração apostólico, que não conhecia fadiga nem repouso, era cuidar do Movimento Familiar Cristão e para incrementá-lo fez doação de todo o seu ser, até mesmo da vida, pois foi quando dirigia um desses cursos que a enfermidade o levou à morte.

Coad. Rino César

* Campo S. Martino (Pádua — Itália) 20-11-1919, † Intra de Verbânia (Novara — Itália) 3-12-1974 com 55 anos, 26 de profissão.

Era robusto, possuía um físico muito forte, exercitado à fadiga, não disse nunca “basta” até que o Senhor lhe dissesse “agora basta”.

Salesiano laborioso, fiel às suas obrigações, íntegro, reto, que não conhecia deslealdade, piedoso e de incomum sensibilidade humana. Todo imbuído de afeição pela Casa salesiana, como se fosse toda sua, na comunidade e no trato das coisas espirituais e temporais, preparadas e amadurecidas no calor do amor filial e do afeto doméstico. Estamos certos de que possuímos um amigo junto a Deus em Quem permanecemos unidos além da morte também.

Coad. Celestino Chacón

* Táriba (Táchira — Venezuela) 4-7-1908, † Caracas (Venezuela) 14-2-1975 com 66 anos, 42 de profissão

Grande parte de sua vida salesiana foi dividida entre a cidade de Caracas como mestre de alfaiataria e a missão do Alto Orenoco como “factotum”. Passou os dois últimos anos na Procuradoria missionária, também como “factotum”. Consumiu-o lentamente um câncer no período de três meses. Mas a mortal enfermidade serviu também a evidenciar, a enriquecer sua extraordinária virtude feita de piedade profunda, da caridade mais fina, da operosidade incansável, de fidelidade a toda prova às Constituições, aos Superiores, à Congregação, aos seus deveres cotidianos.

Coad. Carlos Clayette

* Paris (França) 21-12-1897, † Giel (França) 8-4-1974 com 76 anos, 49 de profissão.

Entusiasmado por sua vocação, foi por mais de 40 anos, na oficina, assistente, mestre e chefe. Abriu oficina de mecânica em Caen, em Saint-Dizier e em Giel. Começou sempre com um martelo, uma lima, um torno e... com seu sorriso. Chamavam-no “Petit P. Clayette”, um pouco pela sua estatura, mas também porque se fazia pequenino e humilde como um menino com suas qualidades e seus defeitos. Morreu pobre, mas rico da plenitude de sua vida: vida de homem, humanamente humana, vida de cristão, cristãmente cristã, vida de salesiano cem por cento, mestre, assistente, educador.

Coad. Samuel Cortez

* São Pedro Nonualco (El Salvador) 15-8-1889, † Santa Tecla (El Salvador) 21-1-1975 com 85 anos, 56 de profissão.

Religioso simples e bom, empregou sua vida salesiana em serviços humildes aos olhos dos homens, sempre fiel, serviçal e afável.

Os achaques dos últimos anos, suportados com serenidade e com espírito de fé purificaram-no, preparando-o para o encontro com o Pai.

P. José Crucillá

* Canicatti (Agrigento — Itália) 9-5-1912, † Mazzarino (Caltanissetta — Itália) 23-12-1974 com 62 anos, 44 de profissão, 34 de sacerdócio.

Crescido em uma família profundamente cristã, frutificou sua vocação entre os filhos de Dom Bosco, juntamente com uma sua irmã entre as Filhas de Maria Auxiliadora. Foi sempre dedicado ao trabalho educativo no ensino da Religião nas escolas e no ministério sacerdotal, principalmente entre os jovens de Oratório. Quando voltava para casa em uma moto, após ter ministrado lição de Religião nas escolas do Estado em uma lugar da vizinhança, por um acidente caíu batendo violentamente a cabeça ao solo. Foi recolhido por transeuntes e levado ao hospital. Após dois dias de sofrimentos entregou sua bela alma ao Pai celeste. Rezemos fraternalmente em seu sufrágio.

P. Rodolfo Fierro

* Usme (Bogotá — Colômbia) 6-11-1879, † Barcelona (Espanha) 5-12-1974 com 95 anos, 79 de profissão, 72 sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Quando menino foi atraído para a família salesiana pela figura radiosa de Dom Bosco e pelas eloquentes pregações do P. Evásio Rabagliatti, que foi depois apóstolo dos leprosos. Em sua longa vida foi excepcional sua dedicação ao trabalho educativo, como estudioso de pedagogia e também na vida prática como diretor na Venezuela. Foi encarregado pelo P. Rinaldi de dar início à organização dos Exalunos na Espanha e lhes dedicou grande parte de suas energias. Ocupou o posto também de inspetor central das Escolas de Mestres da Igreja na Espanha. Diretor e redator do Boletim Salesiano em língua espanhola por muitos anos, escritor fecundo e notável em temas pedagógicos, de estilo claro, simples, atraente. Em 1911 o seu discurso na Câmara dos Deputados em Madri bloqueou o projeto de lei para a supressão das Congregações religiosas. Uma meia dúzia de medalhas e condecorações atestam a estima que por ele teve a sociedade. Homem de larga visão, de amabilidade encantadora e de grande compreensão, jamais teve uma palavra amarga para quem quer que seja. Teve a morte do justo, rodeado, como um verdadeiro patriarca, pelo afeto de todos.

P. Hugo Fiorini

* Palazzolo (Verona — Itália) 14-4-1883, † Rovereto (Trento — Itália) 2-6-1974, com 91 anos, 74 de profissão, 67 de sacerdócio.

Partiu como jovem sacerdote para a América Latina onde, com espírito de verdadeira caridade para com todos, se sacrificou e se doou talmente na missão, a ponto de contrair grave enfermidade. Voltou à pátria. Restabeleceu-se um pouco: dedicou-se novamente ao trabalho. Sabia atrair os grupos de jovens, era educador rico de profunda humanidade, não sabia conceber uma vida vazia de entusiasmo, que ele comunicava tão bem. Caráter forte e espírito reto, detestava as meias medidas e os comprometimentos. Fidelíssimo à Igreja distinguiu-se sempre por um incondicional respeito ao Papa. Com fervor e vigorosa devoção confiou sua vida e as suas contínuas iniciativas a Nossa Senhora: era a sua Auxiliadora. Morreu como os patriarcas, sob o peso dos anos e dos merecimentos, circundado por muito bem-querer.

Coad. Pedro Fonseca

* Dolores do Indaí (Minas Gerais — Brasil) 22-6-1915, † Brasília 27-7-1974 com 59 anos, 33 de profissão.

De uma fibra e resistência proverbiais ele sentia-se orgulhoso e agradecido a Deus pela sua poderosa saúde, prognosticando com frequência que chegaria ao ano 2.000. Sua atividade estacionou apenas dois meses antes de sua morte. Possuía a mania do trabalho bem feito e santificado pela união com Deus. Construtor, decorador, provedor, deixou bela lembrança de seu trabalho em muitas casas de várias inspetorias. E, por obediência, tornou-se também cozinheiro, conseguindo chegar à perfeição com sua constância. Outra sua característica foi o amor para com os seus. A farta correspondência epistolar com a família no-lo atesta. Foi o anjo consolador nos últimos meses de seu pai. Um grande amor a Dom Bosco e à Congregação incentivaram-no precipuamente em sua missão salesiana.

P. Savério Galindo

* Puebla (México) 28-11-1936, † Oaxaca — Mixes (México) 27-4-1974 com 37 anos, 19 de profissão, 9 de sacerdócio.

Distinguiram-no desde jovem a sua fiel observância religiosa, uma piedade simples, e grande delicadeza no trato. Desde o noviciado

havia manifestado o desejo, muitas vezes repetido, de seguir para a missão entre os leprosos. “Meu desejo — dizia — são os leprosos. Quero morrer leproso”. Deus aceitou o sacrifício de sua vida concedendo-lhe consagrar os últimos anos do seu sacerdócio ao trabalho missionário. Sua morte trouxe grande sentimento em toda a região. Repousa agora em Tihuitolpec, primeiro centro de seu apostolado. Três bispos e oito sacerdotes concelebraram a Eucaristia, de corpo presente, com grande assistência de fiéis.

P. Emílio Garro

* La Spézia (Itália) 18-8-1886, † Turim, Casa Mãe (Itália) 20-2-1975 com 88 anos, 71 de profissão, 62 de sacerdócio.

Excelente vocação do Oratório e das escolas salesianas de La Spézia, recebido na Congregação pelo próprio P. Rua. Consegue brilhante láurea em letras em Nápoles. Viveu toda sua vida salesiana no apostolado do ensino e da boa imprensa nas inspetorias Romana e Napolitana, até que, em 1939 chamou-o a Turim o P. Ricaldone para assumir a direção das “Leituras Católicas”, depois, do periódico “Maria Auxiliadora”. Colaborou em diversas revistas e no Boletim Salesiano. Fundou a “Revista dos Jovens” e atendeu a umas sessenta publicações escolares, narrativas, amenas e educativas, dramáticas e religiosas. Cinco anos de sofrimentos em progressiva perda de forças sublimaram sua consagração até o holocausto, em constante fidelidade ao seu lema: “Eu não julgo, obedeço!”

P. Alfeu Gatta

* Rocca di Papa (Roma — Itália) 20-8-1896, † Genzano (Roma — Itália) 20-6-1974 com 75 anos, 59 de profissão, 51 de sacerdócio. Diretor 9 anos.

De brilhante inteligência, confiaram-lhe o ensino: nele gastou suas melhores energias por tantos anos de sua vida, até quando pôde trabalhar. Com igual disposição desempenhou-se na direção dos aspirantados. Punha assim, sempre em proveito dos jovens, as distintas aptidões de direção espiritual. Infelizmente uma progressiva paralisia veio frear sua exuberante doação. Durante o longo calvário de mais de 15 anos, em sua serena resignação à vontade de Deus, continuou de modo admirável a ser um “mestre” para os jovens e para os irmãos.

P. Paulo Golla

* Chorzów (Polónia) 10-1-1891, † Wrzesnia (Polónia) 19-11-1974 com 83 anos, 63 de profissão, 54 de sacerdócio. Foi 2 anos diretor e 14 mestre de noviços.

Benemérito educador e mestre de 840 noviços aos quais soube transmitir o genuíno espírito salesiano. Ordenado de sacerdote, foi por dois anos secretário inspetorial, depois mestre de noviços. Somente durante a guerra exerceu o directorado em Zielone dois anos. Então, esgotado fisicamente, desempenhou a missão de confessor em nossas casas de formação e — músico também ele — completava a biografia do célebre músico salesiano M.^o P. Antonio Hlond. Uma pneumonia transferiu-o do hospital para a Casa do Pai.

P. Francisco González Beltrán

* Burriana (Castellón — Espanha) 2-2-1899, † na mesma localidade 10-12-1974 com 75 anos, 55 de profissão, 46 de sacerdócio.

Soube conquistar a simpatia de todos os que o conhecem, por sua cordialidade e simplicidade de trato, por sua bondade e generosidade de caráter. Homem de grande dinamismo. Enfrentou as autoridades laicizantes do período da república para defender o colégio de Valência contra o arrocho das leis anti-religiosas. Bom administrador e com grande espírito de sacrifício, não poupou fadiga para alimentar centenas de internos e semi-externos nos tempos difíceis de após-guerra. Foi depois o homem providencial para a Casa de Burriana, sua cidade natal: com sua personalidade e com seu trabalho contribuiu de modo decisivo para dar prestígio e nome àquele centro de educação. Com afeto filial amou Dom Bosco e Maria Auxiliadora, tendo sido um grande apóstolo dessas predileções salesianas.

P. Emílio Gralland

* Rennes (França) 17-1-1899, † Saint Dizier (França) 28-1-1975 com 76 anos, 51 de profissão, 45 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Diretor em Rennes, trabalhou salesianamente também em Caen, em Melles, em Marez, em Coat. Desde 1948 até sua morte pertenceu à comunidade de Saint-Dizier. Seus ex-alunos conservam dele a recordação de um humanista que soube dar-lhes gosto pela literatura, de um músico que por muito tempo foi mestre de canto e um intérprete de alta qualidade do órgão, mas acima de tudo um sacerdote de uma fé sólida como uma rocha.

P. Eduardo Van Heese

* Haia (Holanda) 18-10-1912, † Santiago (Chile) 12-7-1974 com 61 anos, 43 de profissão, 34 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Partira para o Chile em outubro de 1931, por muitos anos lecionou em nossos colégios. No último ano trabalhava também nas “comunidades de base” de Concepción. De saúde frágil, não resistiu às complicações provenientes de uma operação cirúrgica. As dificuldades não pequenas que precisou suportar até o fim, prepararam-lhe o prêmio eterno.

P. Abraão José Landoni

* Gorla Maggiore (Varese — Itália) 15-9-1915, † Sesto S. Giovanni (Milão-Itália) 2-1-1975 com 59 anos, 37 de profissão, 31 de sacerdócio.

Alma aberta e generosa, fiel ao ideal salesiano, doou-se à educação da juventude na escola, amada e vivida, com ardor juvenil, até os últimos dias. Esteve sempre à disposição do ministério da Palavra e do perdão, não olhando para cansaço e sacrifícios. Dotado de amável jovialidade, sabia irradiar em seu derredor uma onda de simpatia, convite animador para uma abertura de corações. Receba o o Senhor em seu Reino, e lhe conceda o prêmio dos justos.

P. Virgílio Lorenzo

* Moslares de La Vega (Palência — Espanha) 26-6-1921, † Lugo (Espanha) 23-12-1974, com 53 anos, 33 de profissão, 24 de sacerdócio. Diretor 14 anos.

Em todas as comunidades que a obediência lhe destinou, seja como diretor, seja como simples religioso, deixou de si gratíssima recordação e marca indelével de afeto e admiração por seu espírito religioso, por sua exatidão no cumprimento do dever, por sua disposição constante a serviço de quantos necessitassem de seu auxílio, por sua grande capacidade de trabalho, por sua afabilidade no trato, por sua vida de sacrifício sempre dedicada ao serviço de Deus no constante amor ao próximo.

Coad. Estanislau Mariniak

* Toay (La Pampa — Argentina) 11-1-1911, † Boulogne (Buenos Aires — Argentina), 9-12-1974 com 63 anos, 36 de profissão.

Passou sua vida salesiana na Casa do Coadjutor, empenhado a sério com a sua vocação. Mestre e assistente de oficina, fiel e com grande senso de responsabilidade nas funções que lhe eram confiadas.

Humilde e piedoso, silencioso como havia vivido, passou à Casa do Pai e deixou uma grande tristeza entre os irmãos e alunos que o estimavam muitíssimo. A todos, porém, deixou também a lembrança da sua vida de oração, do seu espírito de serviço, sempre disposto a atender a quantos necessitassem de seu trabalho, e o exemplo do seu amor, até o sacrifício, à Congregação e às obras salesianas.

P. Antônio Monshausen

* Dockwelle (Alemanha) 18-1-1913, † Helenberg (Alemanha) 12-12-1974 com 61 anos, 39 de profissão, 24 de sacerdócio.

De 1950 a 1965 trabalhou como capelão em Sannerz, Vilbert, Aulhausen e como prefeito em Bendorf. De 1965 até o fim da vida dedicou-se ao ministério das confissões em Helenberg e assistia aos irmãos enfermos e anciãos de maneira exemplar e admirável. Que o Senhor o recompense por sua caridade generosa e por seu fervor com que edificava a todos nós.

Coad. Salvador Mura

* Ussassai (Nuoro — Itália) 21-8-1911, † Lanusei (Nuoro — Itália) 6-2-1975 com 63 anos, 42 de profissão.

Viveu com coerência e extremo zelo sua vida religiosa, ocupado especialmente como enfermeiro, escondido e dedicado, por mais de 40 anos. Após um longo período de doença, retomou com ânimo o seu trabalho diuturno, cheio de cuidados e atenções para o bom andamento da Casa. Intuindo improvisas necessidades, providenciava ele mesmo às diversas exigências, esquecendo-se de sua sempre fraca saúde. Sua memória permanecerá abençoada.

P. Partênio Muscinelli

* Sansepolcro (Arezzo — Itália) 1-4-1920, † Frascati, Villa Sora (Roma — Itália) 1-2-1975 com 54 anos, 37 de profissão, 28 de sacerdócio. Diretor 5 anos.

De grande inteligência, professor estimado e apreciado nos Liceus salesianos de Alassio, Pordenone e Roma-Sacro-Cuore, onde lhe fora confiada a presidência, foi depois chamado a dirigir as nossas Casas de Roma-Gerini e Frascati-Villa Sora. Autêntico salesiano em meio aos jovens, que estimava, em vivência com os graves problemas deles, por eles sacrificou suas melhores energias e até sua instável saúde. Sólido como poucos nas idéias, que expunha com maravilhosa precisão,

nestes tempos de contestação reconheceram nele o dom da lealdade. Sua inteligência e seus modos afáveis permanecem esculpídos naqueles que o conheceram e que choram sua partida prematura e imprevista.

P. Sérgio Edmundo Núñez

* Guadalajara (Jal. México) 8-6-1938, † Manzanillo (Colima — México) 4-7-1972 com 34 anos, 15 de profissão, 5 de sacerdócio.

Com apenas cinco anos de sacerdócio, na flor da idade, vigoroso e cheio de entusiasmo, não lhe foi possível, segundo o julgar humano, cumprir seu ideal missionário, entre os Mixes. Antes de partir para as missões dedicara-se ao apostolado juvenil em nossos colégios, com grande generosidade e muitos frutos. O Senhor da messe provou ter aceito a vida do P. Sérgio enviando novos colaboradores a continuarem seu trabalho: uma sua irmã com um grupo de voluntárias leigas ofereceram seus serviços para a promoção humana e a evangelização daqueles grupos étnicos tão necessitados de auxílio.

P. Fernando Oropeza

* Tecamachalco (Puebla — México) 6-8-1892, † México 20-6-1974 com 81 anos, 61 de profissão, 52 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Imenso foi o grande bem operado pelo P. Oropeza na sua breve vida salesiana, também como diretor em várias casas da inspetoria. Sua característica, por todos conhecida, o grande amor a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco, e sua profunda filial adesão à Congregação, inclusive nos tempos difíceis. Trouxe sempre alegria à comunidade. A diminuição da vista, que se agravou nos últimos anos, acarretou-lhe particular sofrimento na última etapa de sua vida.

P. Raymond Petit

* Oyonax (Ain — França) 21-8-1902, † La Grau, La Navarre (França) 16-2-1975 com 72 anos, 46 de profissão, 36 de sacerdócio.

Em idade adulta segue sua vocação em 1928. De 1934 até 1951 dedica-se com entusiasmo ao trabalho missionário na Tailândia, Indochina e China. Voltando à pátria a obediência leva-o a La Navarre onde a morte o recolhe com mais de 72 anos, quando professor do 6.º curso e assistente do dormitório. O zelo apostólico que o levará às missões, ele o difunde sobre as almas que lhe são confiadas na

pátria. Para seu coração de zeloso sacerdote, dar aulas e garantir a assistência é ocupar-se das almas. Acolhedor, amável, trabalhador dedicado, consagrou sua vida toda a uma grande fidelidade a Dom Bosco.

P. Tomás Puduzzery

* Trichur (Kerala — Índia) 18-12-1936, † Chingleput (Tamil — Nadu — Índia) 21-2-1974 com 37 anos, 15 de profissão, 4 de sacerdócio.

Um desastre rodoviário foi a causa de sua morte, enquanto se dirigia para projetar o filme “Vida de Cristo” em uma aldeia vizinha. Não estava despreparado para tão imprevista chamada. Uns dias antes havia feito o retiro mensal, e pela manhã daquele trágico dia permanecera em longo colóquio com Jesus no tabernáculo, após ter-se confessado. Talvez um pressentimento? Todos dele se lembram como um trabalhador incansável. Para ele o repouso consistia em uma mudança de serviço. Desde 1973 era vice-pároco. Apenas 9 meses na paróquia grangearam-lhe a estima de todos os paroquianos. Assim, a notícia de sua morte foi um golpe profundo em toda a comunidade, que em massa participou dos funerais. Discípulo devoto do divino Mestre; com Ele encontre o eterno repouso.

Coad. Rodolfo de Reuver

* Abconde (Utrecht — Holanda) 15-1-1934, † Saas Fee (Suíça) 13-7-1974 com 40 anos, 19 de profissão.

Este nosso caro irmão tinha a desvantagem de um temperamento pouco comunicativo, motivo pelo qual sentiu-se aliviado quando o dispensaram de lecionar. Mas era um verdadeiro trabalhador. Todas aquelas pequenas coisas que pareciam inépcias, mas que eram necessárias ao bom andamento da casa, eram por ele ajustadas. Embora fosse silencioso e humilde, sabia ser forte na defesa da justiça. Em suas observações e reações sobre o “aggiornamento” na Igreja e na vida religiosa, descobriu-se nele um conhecimento dos fatos com uma emoção até então desconhecida.

Grande seu amor pela natureza, manifestado nos cuidados que prodigalizava aos animais pequeninos e indefesos e na sua paixão pela montanha. O Sr. Rodolfo não estava, como poderia parecer, à margem, mas sim no centro da vida da Comunidade.

P. Aníbal Röttjer

* Roque Pérez (Buenos Aires — Argentina) 21-1-1915, † Boulogne (Buenos Aires — Argentina) 23-11-1974 com 59 anos, 43 de profissão, 34 de sacerdócio. Foi diretor por 4 anos.

Consagrou à missão do ensino as suas incomuns qualidades, com fervor salesiano, em diversos institutos nossos, na escola média e superior. Sagaz investigador de temas históricos, publicou alguns livros e muitos opúsculos, que mereceram elogios por parte da crítica e da aprovação pública, e dos seus alunos. Estes apreciavam com admiração sua agudeza, sua sinceridade e leal intenção apologética, ao procurar iluminar alguns temas controversos da história nacional. Sua morte, repentina, no jantar de despedida aos alunos no fim do ano escolar, causou profunda consternação entre os irmãos e alunos que o estimavam muito por seus dotes, e de modo especial por seu amor a Dom Bosco, por seu labor salesiano e por seu espírito de ordem e disciplina.

P. Afonso Ruocco

* Rionero in Vulture (Potenza — Itália) 23-2-1933, † Nápoles (Itália) 18-1-1975 com 41 anos, 25 de profissão, 14 de sacerdócio. Foi diretor por 4 anos e vice-inspetor por 3.

Harmonia e equilíbrio. Eis a primeira impressão que se tinha dele: maturidade em todos os níveis — assim colheu-o a morte, exatamente quando estava doando o melhor de suas energias, na qualidade de Vigário inspetorial. Firmeza de juízo, piedade simples mas profunda, jovialidade no trato, sorriso e otimismo, cordialidade espontânea, fácil ligação com os jovens, dinamismo não comum, tornaram-no o salesiano modelo, estimado e querido por toda a Inspeção, que chorou seu prematuro desaparecimento com sinais de profunda dor.

P. Domingos Ruggeri

* Trecastagni (Catânia — Itália) 5-2-1906, † Messina (Itália) 28-1-1975 com 69 anos, 50 de profissão, 41 de sacerdócio.

Nasceu em uma família profundamente cristã, que doou ao Senhor seus sete filhos: 3 Filhas de Maria Auxiliadora, uma Carmelitana de rigorosa clausura, 3 sacerdotes salesianos. Caráter jovial, aberto e generoso, a inspirar simpatia e confiança entre os alunos que tiveram a felicidade de estar sob sua direção como assistente e professor de matemática, P. Ruggeri, mesmo entre os militares da última guerra,

de que participou como Capelão Militar, foi sempre admirado e louvado por seu comportamento de verdadeiro apóstolo cristão e salesiano.

Coad. Tiago Scholtens

* Leens (Groningen — Holanda) 16-1-1941, † Saas Fee (Suíça) 13-7-1974 com 33 anos, 13 de profissão.

Este nosso irmão distinguiu-se pelo apostolado do ensino. Era um bom anjo da escola, e os alunos bem sabiam quanto ele os estimava. Preparadíssimo nas matérias, muitas vezes foram-lhe oferecidos cargos de responsabilidade pela Direção Estatal das Escolas. Realizava tantos trabalhos que se chegava a imaginar que fossem resultado de várias pessoas juntas. Sempre estava disposto a prestar um favor, a substituir nas aulas e na assistência. Teve que cuidar do pessoal externo encarregado da limpeza e tornou-se amigo de todos. Há alguns anos descobriu o encanto da montanha e dele não conseguiu desvencilhar-se mais. No amor à natureza exprimia seu profundíssimo amor ao Criador.

P. João Tokarski

* Miechowice Wielkie (Polónia) 12-4-1900, † Raków (URSS) 15-12-1974 com 74 anos, 44 de profissão, 33 de sacerdócio.

Uma vocação em idade adulta, que, através da casa dos Filhos de Maria, noviciado e os difíceis estudos teológicos durante os anos da última guerra, alcançou o sacerdócio recebido em Wilna, na Congregação salesiana. As duras condições dos após-guerra colocaram-no em difícilísimos trabalhos pastorais, repletos de sacrifícios, de contrariedades molestas, que o desgastaram até ao túmulo. Muito apegado à Congregação, seu desejo era morrer como salesiano.

Coad. Francisco Tomic

* Hlapčina (Croácia — Iugoslávia) 28-3-1909, † Rijeka (Croácia — Iugoslávia) 30-1-1975 com 65 anos, 40 de profissão.

Um excelente e consciencioso trabalhador. Era ecônomo, provedor, jardineiro, operador de cinema, motorista, sacristão etc. O sr. Francisco era um salesiano da antiga marca, modelo para os religiosos de todos os tempos, piedoso, modesto, fiel. Adotou para si a divisa de

São Bento: “ora et labora”, e também a de Dom Bosco: “trabalho e temperança”. Seu trabalho predileto era na igreja, não só na pontualidade às práticas de piedade e à frequência dos sacramentos, mas também no cuidado do decoro da Casa de Deus. Tinha originalidade e inventiva para ornamentar os altares para as festas. Em sua última enfermidade hauria sua força na piedade. Sua morte deixou uma lacuna muito difícil de se preencher.

P. Paulo Valentinuzzi

* Casarsa della Delizia (Údine — Itália) 26-6-1885, † Fossano (Cúneo — Itália) 2-2-1975 com 89 anos, 65 de profissão, 55 de sacerdócio.

Alma simples, consciência reta sem tergiversações, possuía um temperamento forte e uma fibra robusta. Durante sua longa vida provou ser um verdadeiro filho de Dom Bosco por sua piedade, pela observância quase até ao escrúpulo da Regra e por seu amor à Congregação, à Igreja e ao Papa. Viveu e trabalhou incansavelmente pelas vocações sacerdotais e religiosas e — principalmente — para as missões. Após uma breve enfermidade, adormeceu serenamente no Senhor enquanto realizávamos a festa externa do nosso Santo Fundador.

P. Jorge Zottarel

* Biancade (Treviso — Itália) 24-4-1908, † Roma (Itália) 28-10-1974 com 66 anos, 46 de profissão, 34 de sacerdócio.

Motivos de saúde aconselharam sua transferência da inspetoria vêneta para Roma, depois de uma breve permanência na Sicília. Nas diversas Casas aplicou-se habitualmente às atividades do ensino, lidando com variadas categorias de jovens, quer nas Escolas Médias, quer no Centro de Formação Profissional, como também nas Escolas do Estado, onde lhe fora confiado o ensino de Religião. Teve também, por um breve período de tempo, a direção de promoção do Catecismo. Trabalhou até o fim dos seus dias. Ainda este ano lecionava na Escola Média, quando a Irmã Morte surgiu para no-lo roubar rapidamente.

1.º elenco 1975

1

- 01 P. ATZENI João Batista † Selargius (Itália) 11-12-1974 com 66 anos.
- 02 P. AVALLE Natal † Alessândria (Itália) 23-11-1974 com 74 anos.
- 03 Coad. BALDASSARRE José † Nápoles (Itália) 18-11-1974 com 63 anos.
- 04 Coad. BASSO Carlos † Bivio Cumiana (Itália) 25-1-1975 com 81 anos.
- 05 P. BONDI Gualtiero † Roma Pio XI (Itália) 11-2-1975 com 71 anos.
- 06 P. BORSELLO Luiz † Turim (Itália) 1-11-1974 com 80 anos.
- 07 P. BUSSOLETTI Hilário † Roma (Itália) 29-7-1974 com 70 anos.
- 08 P. CARCIOLA Alfio † Messina (Itália) 21-1-1975 com 57 anos.
- 09 Coad. CÉSARO Rino † Intra di Verbânia (Itália) 3-12-1974 com 55 anos.
- 10 P. CRUCILLA José † Mazzarino (Itália) 23-12-1974 com 62 anos.
- 11 P. FIORINI Hugo † Rovereto (Itália) 2-6-1974 com 91 anos.
- 12 P. GARRO Emílio † Turim Valdocco (Itália) 20-2-1975 com 88 anos.
- 13 P. GATTA Alfeo † Genzano (Itália) 20-6-1974 com 75 anos.
- 14 P. LANDONI Abraão José † Sesto S. Giovanni (Itália) 2-1-1975 com 59 anos.
- 15 Coad. MURA Salvador † Lanusei (Itália) 6-2-1975 com 63 anos.
- 16 P. MUSCINELLI Partênio † Frascati (Itália) 1-2-1975 com 54 anos.
- 17 P. RUOCCO Afonso † Nápoles (Itália) 18-1-1975 com 41 anos.
- 18 P. RUGGERI Domingos † Messina (Itália) 28-1-1975 com 69 anos.

- 19 P. VALENTINUZZI Paulo † Fossano (Itália) 2-2-1975 com 89 anos.
- 20 P. ZOTTAREL Jorge † Roma (Itália) 28-10-1974 com 66 anos.

2

- 21 Coad. CLAYETTE Carlos † Giel (França) 8-4-1974 com 76 anos.
- 22 P. GRALLAND Emílio † Saint Dizier (França) 28-1-1975 com 76 anos.
- 23 P. MONSHAUSEN Antônio † Helenenberg (Alem. Ocid.) 12-12-1974 com 61 anos.
- 24 P. PETIT Raimundo † La Crau (França) 16-2-1975 com 72 anos.
- 25 Coad. REUVER Rodolfo de † Saas-Fee (Suíça) 13-7-1974 com 40 anos.
- 26 Coad. SCHOLTENS Tiago † Saas-Fee (Suíça) 13-7-1974 com 33 anos.

3

- 27 Coad. BARAUT João † Barcelona (Espanha) 18-7-1974 com 80 anos.
- 28 P. BURDEUS Amadeu † Mataró (Espanha) 22-12-1974 com 72 anos.
- 29 P. FIERRO Torres Rodolfo † Barcelona (Espanha) 5-12-1974 com 95 anos.
- 30 P. GONZALEZ Beltrán Franc. † Burriana (Espanha) 10-12-1974 com 75 anos.
- 31 P. LORENZO Virgílio † Lugo (Espanha) 23-12-1974 com 53 anos.

4

- 32 P. GOLLA Paulo † Wrzesnia (Polónia) 19-11-1974 com 83 anos.
- 33 P. TOKARSKI João † Rakow (URSS) 15-12-1974 com 74 anos.
- 34 Coad. TOMSIC Francisco † Rijeka (Iugoslávia) 30-1-1975 com 65 anos.

- 35 Coad. BUSTAMANTE Pedro † Piura (Peru) 16-2-1975 com 89 anos.
- 36 P. CASTOLDI Heitor † Campo Grande (Brasil) 1-9-1974 com 63 anos.
- 37 Coad. CHACÓN Celestino † Caracas (Venezuela) 14-2-1975 com 66 anos.
- 38 Coad. CORTÉS Samuel † Santa Tecla (El Salvador) 21-1-1975 com 85 anos.
- 39 Coad. FONSECA Pedro † Brasília (Brasil) 27-7-1974 com 59 anos.
- 40 P. GALINDO Savério † Oaxaca-Mixes (México) 27-4-1974 com 37 anos.
- 41 P. HEESE Eduardo van † Santiago (Chile) 12-7-1974 com 61 anos.
- 42 Coad. MARINIAK Estanislau † Boulogne (Argentina) 9-12-1974 com 63 anos.
- 43 P. NUÑES Sérgio Edmundo † Manzanillo (México) 4-7-1972 com 34 anos.
- 44 P. OROPEZA Fernando † México (México) 20-6-1974 com 81 anos.
- 45 P. RÖTTJER Aníbal † Boulogne (Argentina) 23-11-1974 com 59 anos.

- 46 P. BARS Emanuel † Shillong (Índia) 4-4-1974 com 84 anos.
- 47 P. PUDUSSERY Tomás † Chingleput (Índia) 21-2-1974 com 37 anos.

Composto e impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P.A.B.X.
Caixa Postal, 30 439
SAO PAULO

